

LIBERDADE RELIGIOSA NO MUNDO

SUMÁRIO EXECUTIVO 2018



ACN

O relatório completo de **Liberdade Religiosa no Mundo** pode ser encontrado em www.acn.org.br/relatorio-liberdade-religiosa



O documento de 2018 é a 14.^a edição do Relatório de Liberdade Religiosa no Mundo da ACN, produzido de dois em dois anos, publicado em inglês, holandês, francês, italiano, português e espanhol.

Liberdade Religiosa no Mundo

Editor-chefe: John Pontifex | Editora: Marcela Szymanski

Presidente do Comitê Editorial: Mark von Riedemann

Comitê Editorial: Marc Fromager, Marta Garcia Campos, Maria Lozano, Marta Petrosillo, Peter Sefton-Williams and Roberto Simona

Edição e revisão de provas: David Black, Tony Cotton, Angie Deevy, Dee Dunne-Thomas, Caroline Hull, Fr Alistair Jones OP, Christopher Jotischky-Hull, Michael Kinsella, Andrew Macdonald Powney, Murcadha O Flaherty, John Newton, Elizabeth Rainsford-McMahon, Tony Smith, Heather Ward

LIBERDADE RELIGIOSA NO MUNDO

2018

Sumário Executivo



ACNU

ÍNDICE

Prefácio do Cardeal Dieudonné Nzapalainga	5
Resumo das Conclusões	6
Principais Conclusões	9
Países com Violações Significativas da Liberdade Religiosa	
Mapa	34
Tabela	36
Contexto	
Não é apenas uma questão religiosa	8
Violência sexual e conversão forçada de mulheres 1: Nigéria, Síria e Iraque	24
Violência sexual e conversão forçada de mulheres 2: Egito e Paquistão	26
Crise no Islamismo	32
Estudos de Casos	
ÍNDIA: Agricultor muçulmano morto por radicais hindus “justiceiros das vacas”	10
MIANMAR: Rohingya fogem da violência, da violação e da discriminação em massa	14
IRAQUE: Derrota de extremistas anuncia reabilitação da cidade	16
FILIPINAS: Sacerdote e funcionários da catedral sequestrados	18
EGITO: Extremistas matam 29 peregrinos cristãos coptas	20
NIGÉRIA: Católicos assassinados por militantes durante a Missa	22
AFEGANISTÃO: Muçulmanos xiitas bombardeados por extremistas sunitas	25
ESPANHA: Extremista conduz veículo contra multidão, matando 15 pessoas	28
FRANÇA: Mulher judia atirada pela janela do terceiro andar	30
MÉXICO: Clero é alvo das organizações criminosas	33

PREFÁCIO

Cardeal Dieudonné Nzapalainga

Arcebispo de Bangui, República Centro-Africana

Aqui, na República Centro-Africana, a liberdade religiosa não é um conceito, é uma questão de sobrevivência. A ideia não é se uma pessoa está mais ou menos confortável com os alicerces ideológicos da liberdade religiosa, a questão é como evitar um banho de sangue!

Aqui, em Bangui, onde as forças da destruição estão bem estabelecidas, não temos qualquer escolha. Ou conseguimos restaurar a paz ou vamos desaparecer. É importante mencionar que essa paz só pode ser baseada numa paz religiosa genuína. Num contexto multirreligioso, isto só é possível se a liberdade religiosa for entendida, aceita e defendida.

Seja neste país, onde temos experiência direta das questões em jogo, ou noutras partes do mundo em crise, não faz sentido alegar que a dimensão religiosa é a única causa do caos. A realidade é complexa e as crises modernas são muitas vezes consequência de múltiplos fatores interligados.

Repetidas vezes vemos como os fatores políticos, econômicos e religiosos estão ligados uns aos outros. Em geral, constatamos infelizmente que os aspectos religiosos de uma crise são explorados pelo interesse político ou, alternativamente, pelo ganho econômico, e muitas vezes por ambos ao mesmo tempo.

Esta instrumentalização da religião é muito eficaz, porque os sentimentos religiosos apelam ao que há de mais profundo em nós e sem dúvida a religião tem a capacidade de despertar emoções apaixonadas. Hoje em dia, a comunicação social no ocidente gosta de destacar estes impulsos para denegrir a religião como um todo, e é por isso que devemos sempre tentar equilibrar as coisas. Isto não implica que a religião nunca é um fator de tensão ou uma causa séria de conflito, mas é necessário um discernimento genuíno.

Na República Centro-Africana, não havia tensão religiosa antes de ter surgido o atual conflito, que hoje em dia levou o nosso país a uma situação de violência permanente. O caos resultante permite que os protagonistas da violência destruam a riqueza da nação, mas também que procurem objetivos políticos a longo prazo, manipulando assim os confrontos religiosos para ganho pessoal.



Cardeal Dieudonné Nzapalainga com Kobine Layama, presidente da Comunidade Islâmica da República Centro-Africana.

Ao trabalhar com outros líderes religiosos, não poupamos esforços para resolver, tanto quanto podemos, estas tensões e conflitos religiosos. Estamos arriscando, estamos expondo-nos a grandes críticas. Contudo, esta busca permanente do diálogo inter-religioso e da reconciliação é inquestionavelmente a última defesa contra a implosão do nosso país.

Tendo isto em mente, este relatório de Liberdade Religiosa no Mundo produzido pela ACN é publicado numa época em que ele é muito necessário. Este relatório é uma validação da importância do que estamos fazendo aqui no meu país. Além disso, este relatório é um poderoso incentivo no meio de muitas fontes de frustração e desilusão. Finalmente, este relatório é uma ferramenta preciosa que demonstra a necessidade vital de gerar a paz.

A liberdade religiosa na sua totalidade elimina o risco de instrumentalização religiosa. E também pode unir-nos, incentivando-nos a respeitarmos as diferenças uns dos outros e, assim, a pôr fim à manipulação política e econômica à qual estamos sujeitos. Um enorme obrigado à ACN pelo serviço que vocês estão nos prestando ao publicar este relatório.

RESUMO DAS CONCLUSÕES

Período em análise: Junho de 2016 a Junho de 2018 (inclusive)

1. a) No período em análise, a situação dos grupos religiosos minoritários deteriorou-se em 18 dos 38 países – quase metade – onde há violações significativas da liberdade religiosa. Notou-se uma séria diminuição da liberdade religiosa na China e na Índia. Em muitos dos outros países – incluindo Coreia do Norte, Arábia Saudita, Iêmen e Eritreia – a situação já era tão má que quase não podia piorar.
b) Agravamento da intolerância para com as minorias religiosas significou que, pela primeira vez, dois países – Rússia e Quirguistão – foram colocados na categoria ‘Discriminação’.
c) Em comparação com o período de dois anos atrás, mais países com violações significativas da liberdade religiosa mostraram sinais de degradação das condições para as minorias religiosas – 18 países, 4 a mais do que em 2016.
d) Um aumento das violações da liberdade religiosa por parte de atores estatais – regimes autoritários – resultou em mais países que mostram um declínio da liberdade religiosa quando comparada com 2016.
e) Por outro lado, um acentuado declínio na violência militante do Al Shabaab significou que a Tanzânia e o Quênia – classificados como países onde havia ‘Perseguição’ em 2016 – fossem agora colocados na categoria ‘Não classificada’ em 2018. Apesar de se terem notado menos violações religiosas islâmicas em alguns países, a posição agravou-se manifestamente em muitos outros.
2. O nacionalismo agressivo, hostil às minorias religiosas, agravou-se a ponto de o fenómeno poder ser chamado de ultranacionalismo. A intimidação violenta e sistemática dos grupos religiosos minoritários levou a que fossem tidos como estrangeiros desleais e uma ameaça para o Estado.
3. Há cada vez mais provas de uma cortina de indiferença por trás da qual as comunidades religiosas vulneráveis sofrem, sendo a sua luta ignorada em grande parte do mundo.



4. Aos olhos dos governos e da comunicação social ocidentais, a liberdade religiosa está caindo nos rankings de prioridades dos direitos humanos, sendo eclipsada pelas questões de gênero, sexualidade e etnia.
5. Tem havido uma reinstalação rápida e inesperada de alguns grupos religiosos minoritários em partes do Oriente Médio anteriormente ocupados pelo grupo Estado Islâmico (EI) e por outros grupos hiperextremistas.
6. A maioria dos governos ocidentais falhou em dar a assistência urgentemente necessária aos grupos religiosos minoritários, em especial às comunidades deslocadas que desejam regressar a casa.
7. O sucesso das campanhas militares contra o EI e outros hiperextremistas escondeu a propagação de movimentos extremistas islâmicos em regiões da África, do Oriente Médio e da Ásia.
8. O conflito entre o Islamismo sunita e xiita alimentou grupos extremistas, incluindo o EI.
9. Novas provas mostram a extensão do abuso sexual de mulheres por grupos e indivíduos extremistas na África, no Oriente Médio e em partes do subcontinente indiano.
10. Houve um recrudescimento dos ataques extremistas na Europa e em outras partes do ocidente, motivados em parte pelo ódio religioso. Os ataques sugerem que a ameaça do extremismo militante está tornando-se universal, iminente e sempre presente. Como tal, esta ameaça pode ser chamada de terrorismo de proximidade.
11. A islamofobia no ocidente aumentou, em parte devido à crise migratória em curso.
12. Há provas do agravamento do antissemitismo, levando a um aumento do número de judeus que emigram para Israel.



CONTEXTO

NÃO É APENAS UMA QUESTÃO RELIGIOSA

Marc Fromager

Este relatório, que analisa a liberdade religiosa, procura avaliar elementos relacionados com a prática e a expressão da fé em um dado país e dar uma visão das perspectivas para o seu desenvolvimento futuro.

Há dois problemas que devem ser evitados para uma reflexão cuidadosa dos fatores religiosos em uma análise de conflito: exagerar o papel que eles desempenham ou não os reconhecer suficientemente. Na realidade, a religião é apenas um dos muitos fatores em jogo, muitos dos quais estão intrinsecamente ligados.

Sem nenhuma ordem específica, uma lista de fatores envolvida inclui: a importância da história, o impacto da geografia ou do clima, as circunstâncias políticas (históricas e contemporâneas), as características demográficas, a situação socioeconômica, a cultura, os níveis de educação e, finalmente, a religião.

Se quiséssemos agrupar estes vários elementos por uma questão de clareza, provavelmente poderíamos assumir que a maior parte destas causas podem ser amplamente relacionadas com três áreas fundamentais: política, economia e religião. Muitas vezes, esta última não é considerada de maneira sistemática, exceto em um relatório como este, onde ela é o principal objeto de estudo.

Duas crises recentes ajudam a ilustrar a complexidade destas situações: a guerra na Síria e o êxodo dos rohingyas. **Apresentada em geral como uma guerra civil, a crise síria contém uma dimensão geopolítica internacional (conflito saudita-iraniano e depois confronto russo-americano), um componente econômico (gás do Catar e petróleo da Síria) e um elemento religioso (combate hostil entre sunitas e xiitas perante um cenário de expulsão de minorias religiosas).**

No que diz respeito aos rohingyas, a habitual apresentação da situação simplifica excessivamente o conflito apresentando-o como vítimas muçulmanas pobres e inocentes que são perseguidas por cruéis budistas mianmarenses. Sem procurar diminuir o sofrimento de meio milhão de refugiados ou rebaixar as inúmeras vítimas, o fato é que, quando se analisa a natureza deste conflito, é claro que ele não é puramente religioso.

Uma vez mais, deparamo-nos com fatores políticos: o desejo de separação de uma parte tribal do território mianmarenses em um contexto de mudanças demográficas (os mianmarenses e o governo creem que os rohingya são majoritariamente de origem bengali) e causas econômicas (a descoberta de um grande depósito de hidrocarbonetos ao longo da costa desta região).

Estas duas situações mostram que existe um fator religioso, mas que ele não pode ser adequadamente responsabilizado como a causa de ambas as crises. Ter em conta esta complexidade destaca a importância de promover a liberdade religiosa. Isto pode ajudar a reduzir a possível instrumentalização da religião e, assim, eliminar um dos fatores que contribuem para a crise.



PRINCIPAIS CONCLUSÕES

John Pontifex, Editor-Chefe

Puseram uma faca na minha garganta e uma arma na minha cabeça. Me chamaram de kaffir [infiel]. Disseram que iam me matar. Fui colocado na solitária e, nas semanas que se seguiram, perdi mais da metade do meu peso.¹

Em uma entrevista à ACN dada no início de 2018, Antoine, pai de três filhas, descreveu o que lhe aconteceu quando foi apanhado por extremistas islâmicos no norte da Síria, na cidade de Aleppo. Quando os militantes descobriram que ele era cristão, exigiram que se convertesse, sob pena de morte. Antoine foi encarcerado, torturado e privado de alimentos. Acordava todos os dias receando que fosse o seu último dia.

Foi este o preço que Antoine pagou por não ter liberdade religiosa em seu país. Contudo, teve sorte. Um dia, aproveitou uma oportunidade e fugiu. Enquanto os seus sequestradores estavam rezando, escapou silenciosamente pela porta principal da prisão, cujo cadeado estava aberto. Fugiu, escalou uma parede muito alta e correu como nunca tinha corrido. Mais tarde nesse dia, encontrou-se com a sua mulher Georgette e as suas três filhas.

Este relato pessoal, juntamente com inúmeros outros exemplos, é a razão de ser deste relatório. Para muitas outras pessoas, a experiência da perseguição tem um resultado totalmente diferente. Simplesmente por pertencerem à religião errada, inúmeras pessoas foram assassinadas e muitas outras desapareceram ou foram encarceradas indefinidamente.

Muitos incidentes deste tipo, motivados por ódio religioso, mostram até que ponto a liberdade religiosa no mundo hoje é “um direito órfão”.²

Perante isto, é sem dúvida mais importante do que nunca chegar a uma definição clara e efetiva da liberdade religiosa e das suas ramificações para os governos, as autoridades legais e a sociedade como um todo. Este relatório da ACN sobre a Liberdade Religiosa no Mundo 2018 reconhece os princípios fundamentais da liberdade religiosa tal como contidos no artigo 18.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pelas Nações Unidas em 1948:

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular.³

Ao analisar o período de dois anos até junho de 2018, este relatório avalia a situação religiosa de cada país do mundo. Reconhecendo que a liberdade religiosa não pode ser avaliada de forma adequada se vista isoladamente, os relatórios dos países analisam de forma crítica a relação muitas vezes emaranhada entre questões de religião e outros fatores relevantes – por exemplo, política, economia, educação (ver CONTEXTO – Não é apenas uma questão religiosa). Foram analisados 196 países com um foco especial sobre liberdade religiosa nos documentos constitucionais e outras legislações, em incidentes de referência e finalmente na projeção de tendências prováveis. A partir destes relatórios, os países foram categorizados (ver tabela nas páginas 36-39). A tabela foca-se nos países onde as violações da liberdade religiosa vão para além das formas comparativamente suaves da intolerância para representarem uma infração fundamental dos direitos humanos.

Os países onde ocorreram graves violações foram colocados em duas categorias: ‘Discriminação’ e ‘Perseguição’. Nesses casos de discriminação e perseguição, as vítimas tipicamente têm pouco ou nenhum recurso na lei.

Essencialmente, a ‘Discriminação’ envolve habitualmente uma institucionalização da intolerância, normalmente levada a cabo pelo Estado ou pelos seus representantes em diferentes níveis, com maus-tratos enraizados em âmbito legal e de costumes a grupos individuais, incluindo comunidades religiosas.

Enquanto a categoria ‘Discriminação’ identifica habitualmente o Estado como o opressor, a categoria ‘Perseguição’ também inclui grupos terroristas e atores não estatais, pois o foco aqui está nas campanhas ativas de violência e subjugação, incluindo homicídio, detenção falsa e exílio forçado, além de danos ou expropriação de bens. De fato, o próprio Estado pode frequentemente ser uma vítima, como se vê por exemplo na Nigéria. Temos então que a ‘Perseguição’ é uma categoria de maior infração, pois as violações da liberdade religiosa em questão são mais graves e também tendem a incluir formas de discriminação como subproduto.

Ao analisar cada país no mundo, este relatório encontrou provas de violações significativas da liberdade religiosa em 38 países (19,3%). Estes 38 países foram analisados em detalhe e chegou-se às seguintes conclusões: Primeiro, 21 (55%) foram colocados no topo da categoria de ‘Perseguição’ e os restantes 17 (45%) na categoria menos grave de ‘Discriminação’. Isto significa que, em todo o mundo, 11% dos países foram

1 John Pontifex, ‘The suicide bomber saved by Our Lady’, *Catholic Herald*, 8 de março de 2018, <http://www.catholicherald.co.uk/w0080000007c4dww.catholicherald.co.uk/magazine-post/the-suicide-bomber-saved-by-our-lady/>

2 ‘Article 18: an orphaned right’ – A report of the All Party Parliamentary Group on International Religious Freedom, junho de 2013

3 United Nations – ‘The Universal Declaration of Human Rights’ – <http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/index.html> (acesso em 23 de junho de 2018)



Image: Buihaan Kinnu/Hindustan Times/Getty Images

ESTUDO DE CASO ÍNDIA

AGRICULTOR MUÇULMANO MORTO POR RADICAIS HINDUS “JUSTICEIROS DAS VACAS”

Abril de 2017: Pehlu Khan, um muçulmano produtor de leite, morreu depois de ser atacado por “justiceiros das vacas” em Alwar, no estado do Rajastão. O Sr. Khan e os seus colegas foram abordados por cerca de 200 justiceiros quando transportavam gado leiteiro que tinham acabado de trazer de volta à sua aldeia. A vaca é sagrada na tradição hindu e protegida pela Constituição da Índia. Os justiceiros têm assediado, atacado ou matado indivíduos suspeitos de abaterem vacas.

Pouco antes da sua morte, o Sr. Khan tinha apresentado uma declaração à polícia identificando as seis pessoas responsáveis por atacá-lo, mas todas as acusações criminais contra eles, incluindo a acusação de homicídio, foram retiradas. Embora as autoridades não tenham conseguido progredir no caso de homicídio, 11 muçulmanos atacados juntamente com o Sr. Khan foram detidos em ligação com infrações no âmbito da lei de proteção da vaca no Rajastão.

Foram organizados protestos em Nova Deli e em outras partes do país em resposta à crescente violência contra muçulmanos e a casta inferior dos dalits por parte de justiceiros hindus. Os ataques contra minorias religiosas, particularmente contra cristãos, aumentaram drasticamente após a vitória esmagadora do Partido Bharatiya Janata (BJP) nas eleições de março de 2017.

Os líderes do BJP defenderam a ideologia Hindutva que considera a Índia como essencialmente uma nação hindu. Falando após a morte do Sr. Khan, o político Rahul Gandhi afirmou que esta “nova visão para a Índia que Narendra Modi... está propagando... é uma visão onde só vai prevalecer uma ideia”. Contudo, o Primeiro-ministro Modi pediu uma ação contra os grupos de justiceiros das vacas em agosto de 2017.

Pelo menos 10 muçulmanos foram assassinados em 2017 por radicais hindus “justiceiros das vacas”.

Fontes: LiveMint, 6 de abril de 2017; Times of India, 25 de abril de 2017; Business Standard (Índia), 1º de fevereiro de 2018; Relatório do USCIRF 2018.

classificados no nível da 'Perseguição' e 9% no nível da 'Discriminação'. Segundo, a situação da liberdade religiosa deteriorou-se em 18 dos 38 (47,5%) países, divididos mais ou menos uniformemente entre as categorias de 'Perseguição' e 'Discriminação'. Terceiro, 18 dos 38 países (47,5%) não mostraram sinais claros de mudança entre 2016 e 2018. Quarto, as condições da liberdade religiosa melhoraram em apenas dois países (5%): o Iraque e a Síria, ambos grandes infratores em 2016. Significativamente, a situação da liberdade religiosa na Rússia e no Quirguistão agravaram-se a tal ponto nos dois anos desde meados de 2016 que, em 2018, estes países entraram na categoria de 'Discriminação' pela primeira vez. Por outro lado, o acentuado declínio da violência islâmica militante na Tanzânia (Zanzibar) e no Quênia significaram que em 2018 eles passaram a estar categorizados como 'Não classificada'.

Apesar de, em muitos aspectos, estas conclusões de 2018 serem comparáveis com as registradas em 2016, há uma diferença significativa, especificamente um marcante aumento no número de países com violações significativas da liberdade religiosa, onde a situação claramente se agravou. 2018 registrou 18 países onde a situação se degradou, quatro a mais do que no período abrangido pelo relatório anterior. Isto representou uma clara deterioração e reflete o padrão geral, que mostra um aumento da ameaça à liberdade religiosa por parte de atores estatais. Os exemplos disso incluem Mianmar, China, Índia, Irã, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão e Turquia. Embora a ameaça de atores islâmicos e outros atores não estatais tenha diminuído desde 2016 em países como Síria, Iraque, Tanzânia e Quênia, em muitos outros países a ameaça do extremismo islâmico foi visível mas não necessariamente suficiente, ainda, para justificar a categorização mudar para pior. As evidências sugerem que a ameaça do extremismo islâmico provavelmente aumentará até próxima década. Esta mesma projeção pode ser feita de forma mais definitiva com relação aos atores estatais – regimes autoritários – que, desde 2016, causaram um retrocesso na liberdade religiosa em inúmeros países, incluindo os que têm influência regional e global.

Entre os países que testemunharam um declínio mais acentuado na liberdade religiosa durante o período em questão, a Índia é particularmente significativa, pois é o segundo país do mundo mais populoso,⁴ com uma das economias de mais rápido crescimento.⁵ Relatório após relatório destacaram os atos de violência flagrante, cada um deles com um motivo claramente estabelecido de ódio religioso. Um exemplo disso vem do estado de Madhya Pradesh, no centro da Índia. Ao descrever “uma

atmosfera de hostilidade contra nós”⁶ o Arcebispo Anthony Chirayath de Sagar falou sobre como nacionalistas fanáticos ameaçaram fisicamente as famílias na sua diocese e lhes disseram que partissem. Na sua entrevista em novembro de 2017, o bispo disse que extremistas hindus espancaram oito sacerdotes e queimaram o seu veículo em frente a um posto policial em Satna. A organização de defesa dos direitos humanos Persecution Relief documentou 736 ataques contra cristãos em 2017, em comparação com 358 em 2016⁷ (ver Caso de estudo – ÍNDIA: Agricultor muçulmano morto por radicais hindus “justiceiros das vacas”).

Esta violência contra cristãos, muçulmanos e outras minorias – muitas das quais pertencem a comunidades das castas inferiores – revela o surgimento de uma forma particularmente agressiva de nacionalismo evidente na Índia e em outros países do mundo. O nacionalismo em questão não só identifica uma ameaça para o país nos grupos minoritários cumpridores da lei, como realiza atos de agressão calculados para forçá-los a renunciar à sua identidade ou a deixar o país. Este tipo de ameaça pode ser chamado de ultranacionalismo. Em meio a preocupações crescentes sobre a alegada evangelização entre as comunidades hindus, as minorias são acusadas de ser, como disse um deputado indiano, “uma ameaça para a unidade do país”.⁸ Essas alegações são indicadoras de uma mentalidade nacionalista que identifica o país exclusivamente com o Hinduísmo.

Os grupos nacionalistas hindus de linha dura são rotineiramente responsabilizados pelos ataques que são descritos como fazendo “parte de uma tendência sem precedentes para apresentar [os grupos religiosos minoritários] como atuando contra o Estado e o ethos nacional”.⁹ Foram levantadas preocupações repetidas vezes em relação à “culpabilidade”¹⁰ das forças de segurança indianas na violência, ou pelo menos na sua incapacidade para agir. Observatórios da liberdade religiosa mencionaram que o aumento acentuado de ataques às minorias religiosas na Índia coincidiu com a subida ao poder do Partido Bharatiya Janata (BJP), sendo agora a violência contra essas minorias uma “rotina”.¹¹ O BJP tem ligações ideológicas e organizacionais estreitas com grupos nacionalistas hindus, incluindo os ultranacionalistas Rashtriya Swayamsevak Sangh (RSS).¹² Narendra Modi, do BJP, levou o partido à vitória nas eleições de 2014, tornando-se primeiro-ministro. O Bispo Thomas Paulsamy disse à fundação pontifícia ACN: “O BJP apoia os fundamentalistas. O [primeiro-ministro Modi] não quer que se aplique a Constituição, mas antes os princípios e valores religiosos do Hinduísmo.”¹³

4 De acordo com estatísticas no *Yearbook of International Religious Demography* 2017 (Leiden: Brill, 2017), a população da Índia chegava a mais de 1.326 milhões em 2016.

5 Kiran Stacy e James Kynge, 'India regains title of world's fastest-growing economy', *Financial Times*, 28 de fevereiro de 2018, <https://www.ft.com/content/cb5a4668-1c84-11e8-956a-43db76e69936> (acesso em 24 de junho de 2018)

6 “Hindu radicals want to eliminate us. Help us”, says the bishop of Sagar, *AsiaNews.it*, 16 de novembro de 2017, <http://www.asianews.it/news-en/%26ldquo%3BHindu-radicals-want-to-eliminate-us.-Help-us%2C%26rdquo%3B-says-the-bishop-of-Sagar-42340.html> (acesso em 24 de junho de 2018)

7 'Attacks on Christians in India double in one year', *CathNews*, 21 de fevereiro de 2018, <http://www.cathnews.com/cathnews/31392-attacks-on-christians-in-india-double-in-one-year> (acesso em 24 de junho de 2018)

8 Shilpa Shaji, 'History of attacks on Christians by the Right Wing in India', *NewsClick.in*, 23 de abril de 2018, <https://www.newsclick.in/history-attacks-christians-right-wing-india> (acesso em 24 de junho de 2018)

9 Saji Thomas, 'Hindu attacks on Christians double in India', *UCANews*, 20 de fevereiro de 2018, <https://www.ucanews.com/news/hindu-attacks-onchristians-double-in-india/81570> (acesso em 24 de junho de 2018)

10 'Police Complicit in Hindu Extremist Attack on Christians in Tamil Nadu, Sources say', *Morning Star News*, 19 de dezembro de 2017, <https://morningstarnews.org/2017/12/policy-complicit-hindu-extremist-attack-christians-tamil-nadu-india-sources-say/> (acesso em 24 de junho de 2018)

11 Shilpa Shaji, 'History of attacks on Christians by the Right Wing in India', *NewsClick.in*, 23 de abril de 2018, <https://www.newsclick.in/history-attacks-christians-right-wing-india> (acesso em 24 de junho de 2018)

12 'Indian Christians faced almost as many attacks in first half of 2017 as all of 2016', *World Watch Monitor*, 8 de agosto de 2017, <https://www.worldwatchmonitor.org/2017/08/hinduisation-of-india-leads-to-more-anti-christian-violence/> (acesso em 24 de junho de 2018)

13 Murcatha O Flaherty, 'India: Christians protest amid surge in attacks by Hindu extremists', *Aid to the Church in Need (UK) News*, 5 de junho de 2018, <https://acnuk.org/news/india-christians-protest-amid-surge-in-attacks-by-hindu-extremists/> (acesso em 24 de junho de 2018)

Esse ultranacionalismo e o seu impacto nos grupos religiosos minoritários não se limita à Índia. De fato, uma das principais conclusões do relatório de Liberdade Religiosa no Mundo 2018 é que os acontecimentos na Índia são típicos de um aumento do ultranacionalismo religioso em alguns dos principais países do mundo, cada um com o denominador comum de as minorias religiosas estarem sob ataque. Estes grupos religiosos são apresentados como estranhos ao Estado, uma ameaça concreta e potencial à chamada cultura nacional, com lealdades a outros países. Se este tipo de nacionalismo não for vigiado, a preocupação é que ele possa levar a uma crescente pressão – talvez a uma campanha de violência em larga escala – para forçar esses grupos minoritários a fugirem ou a renunciarem à sua fé.¹⁴

Não é que esta forma de nacionalismo se identifica invariavelmente com uma fé específica à custa de outras. Na China, todos os grupos religiosos estão em risco se tentarem soltar os laços da mão cada vez mais autoritária da liderança. Ao longo dos últimos dois anos, o regime do Presidente Xi Jinping deu novos passos para reprimir os grupos religiosos vistos como resistentes ao domínio das autoridades comunistas chinesas.

Na província de Xinjiang, no noroeste da China, Chen Quanguo, nomeado chefe de partido em 2016, foi acusado de liderar uma repressão maciça contra os uigures, o maior grupo muçulmano no país. Houve relatos de que o governo estava construindo milhares de campos de reeducação,¹⁵ e que 100.000 uigures foram “detidos indefinidamente em campos de reeducação superlotados na fronteira ocidental da China”.¹⁶ Outros relatos sugerem que os números são maiores. Um prisioneiro relatou que não era autorizado a comer enquanto não agradecesse ao Presidente Xi e ao Partido Comunista.

Com relatos de que “a repressão da atividade religiosa se intensificou”, em outubro de 2017, na conferência quinquenal do Partido Comunista Chinês, o Presidente Xi fez um discurso em que declarou que todas as religiões devem ser “orientadas para a China”.¹⁷ Disse que o regime não iria tolerar o separatismo disfarçado de religião. As provas de uma determinação em fazer cumprir esta abordagem chegaram em janeiro de 2018, quando o governo introduziu um novo “Regulamento dos Assuntos Religiosos”, visto

como uma restrição pesada aos grupos religiosos, confinamento das suas atividades a localizações específicas e bloqueio do acesso a diferentes formas de presença online.¹⁸ No final de 2017, chegavam relatos que foi oferecido dinheiro aos cristãos em algumas partes do país para destruírem imagens natalícias do Menino Jesus e substituí-las por retratos do Presidente Xi.¹⁹ Em abril de 2018, foi proibida a venda online da Bíblia²⁰ e dois órgãos protestantes controlados pelo Estado anunciaram que usariam uma nova versão “secularizada” da Bíblia compatível com a “sinicização” e o socialismo.²¹

Olhando para a Rússia, vemos outra dimensão do ultranacionalismo religioso funcionando. Evidências apresentadas neste relatório concluem que “a situação da liberdade religiosa se agravou drasticamente nos últimos dois anos”.²² As leis que foram promulgadas em julho de 2016 – conhecidas como Pacote Yarovaya – são uma grande preocupação. Introduzidas no âmbito da legislação antiterrorismo, estas leis aumentaram as restrições aos atos de proselitismo, incluindo pregação e divulgação de material religioso.²³ Na sequência do Pacote Yarovaya, a polícia realizou buscas a casas privadas e a locais de culto pertencentes a minorias religiosas. No dia 24 de abril de 2017, o Supremo Tribunal da Federação Russa banuiu o Centro Administrativo das Testemunhas de Jeová e todos os seus 395 centros locais alegando “extremismo”.²⁴

O fenômeno do ultranacionalismo crescente e as repercussões negativas para as minorias religiosas é generalizado, como ilustram os exemplos seguintes. Na Turquia, a agenda nacionalista do Presidente Recep Tayyip Erdogan impôs o Islamismo sunita. Anteriormente, o regime tinha jurado defender os direitos das minorias, mas uma mudança de abordagem rapidamente ganhou impulso em resposta à tentativa fracassada de golpe em julho de 2016. Apesar de a repressão governamental focar-se nos dissidentes políticos, os grupos religiosos minoritários foram novamente alvo de pressão. O governo culpou diretamente o movimento muçulmano de Gulen. Os muçulmanos alevitas sofreram ameaças de violência e incidentes nos quais as suas mesquitas foram “reposicionadas” como mesquitas sunitas.²⁵ O regime também fechou duas estações de televisão xiitas jafari por “propaganda terrorista”.²⁶ Grupos cristãos disseram que

14 Dharm Jagran Samiti, governador do estado de Uttah Pradesh, ao falar depois da Modi ter ganho as eleições de 2014 na Índia, afirmou: “O nosso objetivo é tornar a Índia numa Rashtra [nação] Hindu até 2021. Os muçulmanos e os cristãos não têm qualquer direito estar aqui. Por isso, ou se convertem ao Hinduísmo ou serão forçados a fugir daqui.” Citado por Shilpa Shaji em ‘History of attacks on Christians by the Right Wing in India’, *op.cit.*, 23 de abril de 2018, <https://www.newsclick.in/history-attacks-christians-right-wing-india> (acesso em 24 de junho de 2018)

15 ‘Apartheid with Chinese characteristics’, *The Economist*, 2 de junho de 2018, pp. 21-26

16 ‘Thousand of Uighar Muslims detained in Chinese “re-education” camps’, *The Telegraph*, 26th January 2018, <https://www.telegraph.co.uk/news/2018/01/26/thousand-uighur-muslims-detained-chinese-re-education-camps/> (acesso em 24 de junho de 2018)

17 ‘China’s president seeks more control over religion’, *The Catholic World Report*, 25 de outubro de 2017, <https://www.catholicworldreport.com/2017/10/25/chinas-president-seeks-more-control-over-religion/> (acesso em 24 de junho de 2018)

18 ‘China’s new religion regulations expected to increase pressure on Christians’, *World Watch Monitor*, 1 de fevereiro de 2018, <https://www.worldwatchmonitor.org/2018/02/chinas-new-religion-regulations-expected-increase-pressure-christians/> (acesso em 24 de junho de 2018)

19 JB Cachila, ‘China’s Christians are being told to take down their pictures of Jesus and replace them with President Xi instead’, *Christian Today*, 15 de novembro de 2017, <https://www.christiantoday.com/article/chinas-christians-are-being-told-to-take-down-their-pictures-of-jesus-and-replace-them-with-president-xi-instead/118698.htm> (acesso em 24 de junho de 2018)

20 ‘Beijing bans online Bible sales’, *AsiaNews.it*, 5 de abril de 2018, <http://asianews.it/news-en/Beijing-bans-online-Bible-sales-43540.html> (acesso em 24 de junho de 2018)

21 ‘Protestant plan focuses on Sinicization of Christianity’, *UCANews*, 20 de abril de 2018, <https://www.ucanews.com/news/protestant-plan-focuses-on-sinicization-of-christianity/82098> (acesso em 24 de junho de 2018)

22 Ben Rogers, China country entry – *Religious Freedom in the World 2018* report, Aid to the Church in Need, Novembro de 2018

23 Mike Eckel, ‘Russia’s “Yarovaya Law” Imposes Harsh New Restrictions on Religious Groups’, Radio Free

24 Victoria Arnold, ‘RUSSIA: Jehovah’s Witnesses banned, property confiscated’, *Forum 18*, 20th April 2017, http://www.forum18.org/archive.php?article_id=2274 (acesso em 24 de junho de 2018)

25 Patrick Kingsley, ‘Turkey’s Alevis, a Muslim Minority, Fear of Policy Denying Their Existence’, *New York Times*, 22nd July 2018, <https://www.nytimes.com/2017/07/22/world/europe/alevi-minority-turkey-recep-tayyip-erdogan.html> (acesso em 24 de junho de 2018)

26 Turkey country report, *International Religious Freedom Report for 2017*, US State Depart Bureau of Democracy, Human Rights and Labor, <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper> (acesso em 24 de junho de 2018)

a marca de nacionalismo religioso do Presidente Erdogan “deixa-os com pouco espaço de manobra”.²⁷ Outros relataram um aumento nos sinais de pressão, com os cristãos e outros alegando que são vistos como “o inimigo”²⁸ pelas agências de comunicação do Estado.

Violações evidentes da liberdade religiosa resultantes de ultranacionalismo foram também encontradas em outros países. As mais graves dizem respeito à Coreia do Norte, onde a liberdade religiosa é amplamente recusada pelo Estado, que vê os grupos religiosos como uma ameaça ao “culto pessoal”²⁹ da dinastia Kim e do regime. No Paquistão a oposição crescente a propostas de mudança das controversas leis da blasfêmia, que ameaçam os grupos minoritários em particular, foi justificada pelos extremistas determinados em tornar o país um estado totalmente islâmico. Em maio de 2018, Ahsan Iqbal, ministro federal do Interior, escapou da morte por pouco quando foi atingido por um tiro disparado por Abid Hussain. O incidente ocorreu pouco depois de o Sr. Iqbal – conhecido pela sua defesa dos direitos dos grupos religiosos minoritários – ter visitado uma comunidade cristã no seu círculo eleitoral de Narowal, província de Punjab. Explicando os seus motivos, Hussain disse que tinha agido para defender as leis da blasfêmia.³⁰ No Tajiquistão, suspeitas governamentais sobre as chamadas influências religiosas estrangeiras resultaram em medidas opressoras, atingindo as comunidades muçulmanas em particular. Em agosto de 2017, uma alteração na lei passou a exigir que as mulheres tadjiques usem roupas nacionais e sigam a cultura nacional. Só naquele mês, 8.000 mulheres muçulmanas foram abordadas por usarem o véu islâmico. Milhões receberam mensagens em seus celulares para que não usassem o véu (hijab islâmico).³¹ Em um esforço para limitar a influência estrangeira, os imãs formados no estrangeiro foram substituídos em novembro de 2017 por clérigos mais “receptivos”.³²

Durante o período em análise, uma grande ofensiva militar contra os muçulmanos rohingya por parte do regime nacionalista em Mianmar foi manchete nos jornais. Com início em setembro de 2017 e prolongando-se por nove meses, quase 700.000 pessoas fugiram de Mianmar para o vizinho Bangladesh, juntando-se aos 200.000 que já estavam ali.³³ Este êxodo em massa se deu após “grandes ofensivas militares”³⁴ em 2016 e 2017, com 354 aldeias incendiadas em quatro meses³⁵ (ver Caso de Estudo – MIANMAR: Rohingya fogem da violência, da violação e da discriminação

em massa). A crise foi descrita como uma “limpeza étnica” pelo Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos.³⁶ Isto surgiu ao mesmo tempo que relatos demonstravam claramente que, apesar de haver também fatores étnicos e políticos, o ódio religioso tinha desempenhado um grande papel na violência contra um povo presente há séculos em Mianmar.

Uma diferença significativa marca o caso dos rohingya dos outros casos de ultranacionalismo mencionados acima. Enquanto os rohingya receberam considerável – e proporcional – atenção midiática e preocupação dos governos internacionais, outras situações acima descritas não geraram níveis semelhantes de envolvimento das agências de notícias. Embora os casos em questão sejam diferentes, a frequência e a gravidade dos ataques na Índia e o clima de repressão renovada sobre as minorias na China e na Rússia aumentaram drasticamente, mas não foram suficientemente reportadas nas notícias. Quando circulou um vídeo online mostrando um influente líder nacionalista hindu dizendo aos cristãos que fossem embora ou então enfrentariam a “expulsão pela força”,³⁷ uma publicação católica de renome descreveu-a como “a história mais ignorada da semana”, mencionando como o vídeo também registra o clérigo radical e 20 apoiantes pisando em imagens do Papa Francisco.³⁸ O impacto desta óbvia indiferença internacional não pode ser subestimado, pois o desinteresse contribui ativamente para o problema, sendo dados poucos ou nenhum passo para responsabilizar os governos em questão. Estes incidentes apontam para a emergência de uma divisão cultural: se por um lado, no Ocidente, há uma ignorância e uma falta de preocupação com as violações da liberdade religiosa; por outro, na Ásia e em outras partes do mundo, as questões da religião são centrais e fundamentais. Esta divisão é tão marcada que podemos concluir que há uma barreira de indiferença, uma cortina cultural, por trás da qual o sofrimento de comunidades inteiras de grupos religiosos minoritários passa totalmente despercebido. Daí que, com notáveis exceções, grande parte do Ocidente está cego em relação à violência ultranacionalista, que é perpetrada contra grupos religiosos minoritários. Esta indiferença cega não se estende às questões raciais, culturais ou de gênero, apenas à religião. Este relatório apela para que o sofrimento das minorias religiosas ignoradas seja reconhecido e que sejam tomadas medidas para defender os seus direitos.

27 Turkey ‘Where persecution comes from’, *Open Doors*, <https://www.opendoorsusa.org/christian-persecution/world-watch-list/turkey/> (acesso em 24 de junho de 2018)

28 Claire Evans, ‘State Rhetoric Increases Challenges Facing Turkish Christians’, *Persecution – International Christian Concern*, 19 de junho de 2018, <https://www.persecution.org/2018/06/19/state-rhetoric-increases-challenges-facing-turkish-christians/> (acesso em 24 de junho de 2018)

29 *Report of the Commission of Inquiry on Human Rights in the Democratic People’s Republic of Korea*, United Nations Human Rights Council, <http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/ColDPRK/Pages/ReportoftheCommissionofInquiryDPRK.aspx> (acesso em 9 de junho de 2018)

30 ‘Gunman shoots Pakistan minister over blasphemy law’, *World Watch Monitor*, 9 de maio de 2018, <https://www.worldwatchmonitor.org/coe/gunman-shoots-pakistan-minister-over-blasphemy-law/> (acesso em 6 de julho de 2018)

31 ‘You’ve Got Veil: Millions Of Text Messages Remind Tajiks To Obey New Dress Code’, *Radio Free Europe/Radio Liberty*, 6 de setembro de 2017, <https://www.rferl.org/a/tajikistan-text-messages-remind-obey-new-dress-code-hijab/28720266.html> (acesso em 6 de fevereiro de 2018)

32 ‘Dushanbe cracks down on extremism, dismisses foreign-trained imams’, *AsiaNews*, 8 de novembro de 2017, <http://www.asianews.it/news-en/Dushanbe-cracks-down-on-extremism,-dismisses-foreign-trained-imams-42270.html> (acesso em 28 de fevereiro de 2018).

33 Bureau of Democracy, Human Rights and Labor, ‘Burma’, *International Religious Freedom Report for 2017*, US State Department, <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper> (acesso em 25 de junho de 2018)

34 Ben Rogers, Burma (Myanmar) country report, *Religious Freedom in the World 2018* report, Aid to the Church in Need, Novembro de 2018

35 Bureau of Democracy, Human Rights and Labor, ‘Burma’, *International Religious Freedom Report for 2017*, US State Department, <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper> (acesso em 25 de junho de 2018)

36 ‘Burma Chapter – 2018 Annual Report’, US Commission on International Religious Freedom, <http://www.uscifr.gov/reports-briefs/annual-report-chapters-and-summaries/burma-chapter-2018-annual-report> (acesso em 25 de junho de 2018)

37 Linda Lowry, ‘Hindu leader demands all Christians leave India in publicised video’, *Open Doors*, 1 de junho de 2018, <https://www.opendoorsusa.org/christian-persecution/stories/hindu-leader-demands-all-christians-leave-india-in-publicized-video/> (acesso em 1 de junho de 2018)

38 *Catholic Herald*, 15 de junho de 2018, p. 6



ESTUDO DE CASO MIANMAR

ROHINGYA FOGEM DA VIOLÊNCIA, DA VIOLAÇÃO E DA DISCRIMINAÇÃO EM MASSA

Outubro de 2017: Mais de meio milhão de rohingya fugiram do estado de Rakhine, no norte, e atravessaram a fronteira de Mianmar para o Bangladesh ao longo de um período de três meses, de acordo com o ACNUR. Os rohingya são predominantemente muçulmanos, embora haja também alguns hindus entre eles.

Os relatos afirmam que as autoridades lançaram uma contraofensiva depois que rebeldes do Exército de Salvação Arakan Rohingya atacaram mais de 30 frotas policiais no norte de Rakhine em agosto. Muitos rohingya mais experientes condenaram as táticas de violência do grupo. Fontes oficiais mianmenses afirmam que quase 400 rebeldes e 13 membros das forças de segurança morreram. Em resposta a isto, as tropas sequestraram e mataram civis e incendiaram aldeias inteiras.

A Constituição de Mianmar concede uma “posição especial” ao Budismo, ao mesmo tempo que reconhece outras religiões, incluindo o Islamismo e o Hinduísmo. A Constituição acrescenta ainda: “O abuso da religião para fins políticos é proibido.” Mas os rohingya não são uma minoria reconhecida e a perspectiva oficial dos militares mianmenses é de que eles são imigrantes ilegais do Bangladesh ou seus descendentes.



Estudos de ativistas dos direitos humanos sublinharam que a dimensão do tratamento discriminatório contra os rohingya em Mianmar inclui a recusa da nacionalidade e restrições ao casamento. Pode levar até dois anos para obter aprovação e qualquer casal que tente casar sem aprovação pode ser detido. Ao casar, os rohingya são obrigados a assinar um documento afirmando que não vão ter mais de dois filhos. Muitos rohingya não têm direitos sobre terras e sofrem rotineiramente com trabalhos forçados, trabalhando um dia por semana em projetos militares ou governamentais. Já os budistas da região não são obrigados a fazer esses trabalhos. Os rohingya também não conseguem viajar livremente e os que tentam deixar o país são sujeitos a intimidação e espancamentos por parte das forças de segurança mianmarenses, antes de os deixarem sair e de lhes ser dito que não regressem

Fontes: Reuters, 7 e 22 de setembro de 2017; All You Can Do is Pray: Crimes Against Humanity and Ethnic Cleansing of Rohingya Muslims in Burma's Arakan State (Human Rights Watch, 2013); Allard K. Lowenstein International Human Rights Clinic, Yale Law School), Persecution of the Rohingya Muslims: Is Genocide occurring in Myanmar's Rakhine State? A Legal Analysis (Fortify Rights, outubro de 2015); Al Jazeera, 18 de abril de 2018.



ESTUDO DE CASO IRAQUE

DERROTA DE EXTREMISTAS ANUNCIA REABILITAÇÃO DA CIDADE

Junho de 2018: Quando Qaraqosh, a última cidade com maioria cristã no Iraque, caiu nas mãos do grupo Estado Islâmico (EI) em 2014, muitos rezearam que não haveria mais futuro para os cristãos do país. Contudo, em junho de 2018, não só os extremistas militantes foram expulsos, como novos dados mostram que quase metade dos habitantes da cidade já regressaram.

As estatísticas - produzidas pela Fundação Pontifícia ACN em conjunto com o Comitê de Reconstrução de Nínive, com o apoio de comunidades locais da Igreja - revelaram que 25.650 cristãos regressaram a Qaraqosh. Os números também mostram que, das 6.826 casas danificadas em Qaraqosh, 2.187 foram restauradas com a ajuda da ACN e de outras organizações, o que corresponde a mais de um terço.

O regresso das famílias teve um pico em agosto de 2017, com os pais ansiosos por garantir um lugar na escola para os seus filhos.

O restauro das escolas de Qaraqosh não teve o mesmo destino sofrido pelas escolas das aldeias próximas. Stephen Rasche, da Arquidiocese Caldeia Católica de Erbil, disse em uma audiência na Câmara dos Representantes dos EUA que as chamadas escolas “concluídas” em Teleskov e Batnaya, de maioria cristã, não podiam ser usadas. Apenas tinham recebido “uma fina camada de pintura nas paredes exteriores, com logotipos recém-estampados da UNICEF de 9 em 9 metros”.

Destacando os passos para a recuperação de Qaraqosh e outros lugares, o coordenador de projetos para o Oriente Médio da ACN, Padre Andrzej Halemba, sublinhou os desafios que tem pela frente: “Juntamente com a construção material das casas e igrejas, há uma questão fundamental que deve ser melhorada nesta região: a coexistência. Para que isto aconteça, cristãos e muçulmanos devem trabalhar em conjunto para tornar o Iraque um país unido, que é capaz de se levantar das cinzas trazidas pelo EI.”

Fontes: ACN News, 21 de agosto de 2017; Washington Free Beacon, 4 de outubro de 2017; Hope on the Horizon: Can Iraq's Christians go home? Relatório de benfeitores da ACN do Reino Unido (março de 2017); informação adicional do Comitê de Reconstrução de Nínive (<https://www.nrciraq.org/>).

Durante o período em análise, houve, contudo, vislumbres de esperança. Em meados de 2018, aconteceram situações no norte do Iraque que, dois anos antes, estavam distantes das esperanças até dos membros mais otimistas das minorias religiosas em questão. Em junho de 2018, os relatos mostraram que 25.650 cristãos tinham regressado à cidade de Qaraqosh na Planície de Nínive.³⁹ Isto representou quase 50% do número total de pessoas que viviam em Qaraqosh em 2014, quando estas pessoas tinham fugido das forças do grupo Estado Islâmico (EI) vindas da vizinha Mossul, a segunda maior cidade do Iraque (ver **Caso de Estudo – IRAQUE: Derrota de extremistas anuncia a recuperação da cidade**). No início do período em análise, meados de 2016, não havia sinais imediatos de que a ocupação do EI na região iria terminar alguns meses mais tarde. Quando os rebeldes foram expulsos, a devastação deixada por eles fez com que o desejo de voltar fosse literalmente inexistente entre as comunidades deslocadas para Erbil, a capital curda semiautônoma do Iraque.⁴⁰ Ainda que a taxa de regresso tenha sido particularmente marcante em Qaraqosh, quando comparada com muitas vilas e aldeias vizinhas também afetadas, o significado de Qaraqosh como a maior cidade de maioria cristã no Iraque não pode ser subestimado. De qualquer forma, as vilas e aldeias yazidis e cristãs incluindo Bartela, Karamles e Teleskof testemunharam todas um aumento considerável dos números de deslocados que regressaram, desejosos de voltarem a residir nas casas recém-reparadas e reconstruídas por organizações cristãs e por alguns poucos governos estrangeiros simpatizantes.⁴¹ Este trabalho de reabilitação foi feito sobretudo por obras de caridade e organizações religiosas. Se não tivessem dado esta assistência, a comunidade cristã na região poderia ter desaparecido por completo. Os governos ocidentais, a quem foram feitos apelos de assistência urgente, desiludiram muito as comunidades em questão. Cristãos e yazidis foram reconhecidos como vítimas de genocídio – obviamente merecedores de ajuda – e os acontecimentos mostraram que havia meios viáveis para o fazer.

O rápido retrocesso do território dominado pelo EI – não apenas no Iraque mas também na Síria – refletiu em perdas semelhantes sentidas por outros grupos hiperextremistas,⁴² incluindo o Boko Haram no norte da Nigéria. Não só o Boko Haram perdeu a maior parte do seu território, mas também sofreu derrotas, em grande parte, na sua região de origem, Maiduguri, no nordeste do país.

A recuperação de quase todo o território dominado por grupos hiperextremistas representou uma vitória para a liberdade religiosa. A mídia deu a devida importância a este acontecimento de significado

internacional, como testemunhado pela cobertura midiática da libertação de Marawi, nas Filipinas, das mãos do EI em outubro de 2017 (ver **Caso de Estudo – FILIPINAS: Sacerdote e funcionários da catedral sequestrados**). Apesar disso, este relatório da Liberdade Religiosa no Mundo 2018 considera que as agências de notícias ignoraram o crescimento da violência religiosa levada a cabo por outros grupos islâmicos militantes, que até certo ponto preencheram o vazio deixado pelos hiperextremistas. Este foi certamente o caso no Egito, onde os cristãos coptas continuaram sob ataque dos extremistas (ver **Caso de Estudo – EGITO: Extremistas matam 29 peregrinos cristãos coptas**). Na Nigéria, pastores islâmicos militantes fulani atacaram comunidades cristãs no Cinturão Central, massacrando pessoas, seus lares e deixando inúmeros cristãos temendo por suas vidas. Fundamental para a violência fulani foram os esforços desesperados dos pastores para “confiscar...terra arável”⁴³ a fim de usarem como pastagem para o seu gado; as questões étnicas que os separam dos cristãos e de outros grupos desempenharam sem dúvida um papel nesta situação. Contudo, a natureza da violência – incluindo os ataques a cristãos em oração – sublinhou o significado crescente dos motivos religiosos (ver **Caso de Estudo – NIGÉRIA: Católicos assassinados por militantes durante a Missa**). Uma vez mais, uma conclusão fundamental deste relatório é a incapacidade da comunidade internacional em reconhecer a escala do problema, o que se soma à inação das autoridades nos países em questão. O problema foi tão grave que os bispos da Nigéria pediram ao presidente do país que “considere demitir-se” enquanto “as agências de segurança fecham deliberadamente os olhos aos gritos... dos cidadãos indefesos que permanecem sentados em casa... e mesmo nos seus locais de culto sagrados”.⁴⁴ Um bispo avisou a comunidade internacional: “Por favor, não façam o mesmo erro que foi feito com o genocídio em Ruanda.”⁴⁵

Os acontecimentos na Nigéria durante o período em análise mostraram evidências não apenas de renovada violência islâmica, mas também de esforços combinados para propagar o extremismo, por meios agressivos. Na Somália, membros do Al-Shabaab ganharam posição, impondo graves violações dos direitos humanos em áreas sob o seu controle, incluindo o apedrejamento de pessoas.⁴⁶ No Níger surgiram inúmeros centros wahabi.⁴⁷ O ponto crítico de violência na Nigéria – a região do Cinturão Central – é predominantemente cristão e os observadores de direitos humanos sugeriram que a ação militante se destinava a impor o estilo wahabi do Islamismo. Os líderes religiosos sugeriram que os agressores eram “jihadistas vindos de fora, disfarçados de pastores, financiados por pessoas de certas regiões para alcançarem uma agenda [islâmica]”.⁴⁸ Como prova,

39 Rev'd Dr Andrzej Halemba, 'Church properties interim report' – ACN Nineveh Plains projects update, *Aid to the Church in Need*, 9 de junho de 2018

40 John Pontifex, 'Iraqi Christians start journey home to their ancient homeland', *The Times*, 7 de outubro de 2017, <https://www.thetimes.co.uk/article/iraqi-christians-start-journey-home-to-their-ancient-heartland-d3wlm62xj> (acesso em 25 de junho de 2018)

41 'Nineveh Plains Reconstruction Process', Nineveh Reconstruction Committee (NRC), <https://www.nrciraq.org/reconstruction-process/> (acesso em 25 de junho de 2018)

42 *Religious Freedom in the World [2016] Executive Summary* (Sutton: Aid to the Church in Need), p. 15ff

43 Murcadha O Flaherty and John Pontifex, 'Fears of 'jihadist crusade' deepen after Christians are shot dead', *Aid to the Church in Need (UK) News*, 13 de abril de 2018, <https://acnuk.org/news/64284/> (acesso em 11 de julho de 2018)

44 Murcadha O Flaherty and John Pontifex, 'NIGERIA: Bishops – President should resign for inaction over "killing fields and mass graveyard"', *ACN (UK) News*, 30 de abril de 2018, <https://acnuk.org/news/bishops-president-should-resign-for-inaction-over-nigerias-killing-fields-and-mass-graveyard/> (acesso em 25 de junho de 2018)

45 Murcadha O Flaherty, 'Bishop – Threat of genocide against Christians', *ACN (UK) News*, 28 de junho de 2018, <https://acnuk.org/news/nigeria-bishop-threat-of-genocide-against-christians/> (acesso em 6 de julho de 2018)

46 'Somalia's al Shabaab stones woman to death for cheating on husband', *Reuters*, 26th October 2017, <https://www.reuters.com/article/us-somalia-violence/somalias-al-shabaab-stones-woman-to-death-for-cheating-on-husband-idUSKBN1CV302> (acesso em 12 de maio de 2018); 'Somali woman "with 11 husbands" stoned to death by al-Shabab', *BBC*, 9 de maio de 2018, <http://www.bbc.com/news/world-africa-44055536> (acesso em 12 de maio de 2018)

47 Bureau of Democracy, Human Rights and Labor, 'Niger', *International Religious Freedom Report for 2016*, US State Department, <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper> (acesso em 31 de março de 2018)

48 'Fulani Herdsmen Are Imported Jihadists Sponsored To Islamise Nigeria – Bishop Oyedepo Warns', *NaijaGists.com*, 27 de julho de 2017, <https://naijagists.com/fulani-herdsmen-imported-jihadists-sponsored-islamise-nigeria-bishop-oyedepo-warns/> (acesso em 7 de julho de 2018)



ESTUDO DE CASO FILIPINAS

SEQUESTRO DE SACERDOTE E FUNCIONÁRIOS DA CATEDRAL

Mai de 2017: O Padre Teresito ‘Chito’ Soganob, vigário-geral de Marawi, e funcionários da Catedral de Santa Maria foram sequestrados por extremistas islâmicos.

A Catedral de Santa Maria foi seriamente danificada pelos extremistas, que também registraram em vídeo o momento em que profanavam o edifício. O sequestro do Padre Soganob ocorreu no início do cerco de Marawi, que continuou até outubro de 2017. Militantes maute, filiados ao EI, desempenharam um papel principal em um conflito que envolveu outros jihadistas.

Durante o seu quarto mês de cativeiro, o Padre Soganob testemunhou a decapitação de outros prisioneiros cristãos. Os extremistas também forçaram o sacerdote e outros reféns a converterem-se ao Islamismo e a transportarem armas durante o cerco. Depois da libertação do Padre Soganob e de outros sequestrados na mesma época, o Bispo Edwin de la Peña, de Marawi, disse que a sua conversão não tinha sido uma “conversão válida” pois tinha sido feita sob coação.

No momento em que terminou a ocupação maute, o número de mortes incluía 974 militantes, 168 funcionários do governo e 87 civis. Milhares de famílias foram deslocadas, na mais longa batalha urbana nas Filipinas desde a Segunda Guerra Mundial.

O bispo Edwin de la Peña disse que o cerco maute de Marawi tinha dividido a comunidade muçulmana local. Alguns muçulmanos desafiaram os extremistas abrigando cristãos. Na sequência da violência, o bispo afirmou que a prioridade da Igreja era reconstruir a confiança na cidade. Os passos para reparar as relações entre diferentes comunidades religiosas incluem ajuda emergencial aos deslocados, envio de estudantes universitários para visitar os deslocados e dar apoio e um novo centro de reabilitação para ajudar cristãos e muçulmanos sequestrados por extremistas.

Fontes: ACN (UK) News, 19 de abril de 2018; Philippine Daily Inquirer, 4 de julho de 2017; Asia News, 13 de janeiro de 2018.

Imagem (esquerda): Padre Soganob sendo entrevistado por jornalistas após ser resgatado por soldados do governo.



Família e amigos lamentam pelos peregrinos cristãos coptas mortos pelo EI na província de Minya



ESTUDO DE CASO EGITO

EXTREMISTAS MATAM 29 PEREGRINOS CRISTÃOS COPTAS

Maio de 2017: Extremistas islâmicos mataram a tiro 29 cristãos coptas, incluindo crianças, quando estes se recusaram a converter-se ao Islamismo. Os peregrinos tinham viajado para o mosteiro de S. Samuel, O Confessor, em Maghagha, na província egípcia de Minya, quando os seus veículos foram abordados por homens armados com máscaras. Os extremistas obrigaram os peregrinos a sair dos veículos um a um e insistiram que eles renunciassem à sua fé.

Mina Habib, com 10 anos de idade, descreveu ter visto homens islâmicos armados matando o seu pai e muitos dos passageiros do caminhão onde viajavam. Mina disse: “Eles pediram a identificação ao meu pai e depois disseram para ele recitar a profissão de fé muçulmana. Ele recusou-se, dizendo que era cristão. Eles o mataram a tiro e fizeram o mesmo com todos os outros que estavam conosco...” Mina e o seu irmão não sabem porque é que não foram mortos, apesar de muitas das outras crianças no grupo de peregrinos terem sido mortas.

O grupo Estado Islâmico (EI) reivindicou a responsabilidade pelo massacre. Mina disse à agência de notícias Reuters que cerca de 15 homens armados realizaram a chacina. E disse ainda: “Eles tinham sotaque egípcio como nós e todos usavam máscaras, exceto dois... Eram parecidos conosco e não usavam barbas.”

Os ataques realizados por grupos extremistas islâmicos no Egito não se restringiram aos cristãos. Na sexta-feira, 24 de novembro de 2017, pelo menos 235 pessoas foram mortas quando cerca de 25 extremistas detonaram explosivos e dispararam sobre uma mesquita sufi, repleta de pessoas, perto da costa do Sinai egípcio durante as orações. Nenhum grupo reivindicou formalmente a responsabilidade, mas foi visto um extremista segurando uma bandeira do EI durante o ataque.

Fontes: The National (EAU), 26 de maio de 2017; Reuters, 20 de junho de 2017.



ESTUDO DE CASO NIGÉRIA

CATÓLICOS ASSASSINADOS POR EXTREMISTAS DURANTE A MISSA

Abril de 2018: Dois sacerdotes e 17 paroquianos foram mortos quando militantes fulani, extremistas islâmicos, invadiram uma igreja durante a Missa na diocese de Makurdi, no Cinturão Central da Nigéria. O Padre Joseph Gor e o Padre Felix Tyolaha estavam entre os que morreram quando os fulani atacaram durante a Missa no início da manhã, na Igreja de Santo Inácio, em Ukpok-Mbalon, no estado de Benue.

Perante um aumento dos ataques dos fulani, o Governador de Benue, Samuel Ortom, disse durante o funeral das vítimas que só naquele estado tinham sido mortas 492 pessoas.

As avaliações da violência destacaram diferenças étnicas entre cristãos e fulanis e disputas sobre as pastagens do gado dos pastores, mas a religião parece estar tornando-se um fator cada vez mais importante.

Após a violência fulani na Semana Santa de 2018, que matou dois dos seus fiéis, o Padre Alexander Yeyock, pároco da Igreja de São João em Asso, disse: “O ataque tem duas dimensões. A primeira é islamizar a comunidade cristã. A segunda dimensão é que os pastores fulani querem confiscar a nossa terra arável para as transformar em pastagens.”

O Bispo Wilfred Chikpa Anagbe de Makurdi disse à ACN: “Há uma agenda clara, um plano para islamizar todas as áreas que atualmente são predominantemente cristãs no Cinturão Central.”

Os bispos nigerianos emitiram uma declaração com palavras muito fortes condenando os ataques e, uma vez mais, apelaram para que o governo federal proteja as vidas.

Fontes: ACN (UK) News, 13 de abril de 2018, 21 de maio de 2018, Governador Samuel Ortom, Conferência Episcopal Católica da Nigéria, 26 de abril de 2018.

apresentaram a mudança para melhores armas, tendo passado de arcos e flechas para AK-47 e outro arsenal altamente tecnológico. O presidente da Christian Association of Nigeria, o Reverendíssimo Otuekong Ukot, foi mais longe, implicando partes do governo na violência e dizendo que os extremistas queriam islamizar toda a Nigéria até 2025. Ukot disse que os massacres no Cinturão Central mostravam que os militantes tinham “agora avançado para outras partes da Nigéria a fim de alcançarem o seu objetivo”.⁴⁹

Em outras partes da África, a tentativa de expansão do Islamismo pode não ter sido agressiva, mas não foi menos ambiciosa. Os relatórios mostram uma variedade de iniciativas destinadas ao domínio islâmico, subornando pessoas para se converterem e aderirem à causa extremista, oferecendo-lhes cursos gratuitos sobre wahabismo e outros movimentos radicais, e construindo mesquitas uma após a outra, independentemente da necessidade. Em Madagascar, um país predominantemente cristão, o Cardeal Désiré Tzarahazana, de Toamasina, destacou uma mudança radical no país. E advertiu para a forma como o “Islamismo extremista” estava sendo importado para Madagascar, alegando que grupos radicais estavam “comprando pessoas”, e citando planos para a construção de mais de 2.600 mesquitas no país. O cardeal, que também é presidente da Conferência Episcopal Católica de Madagascar, esclareceu que esta não era uma mudança para o Islamismo a partir de dentro, mas sim resultante do trabalho de grupos radicais de fora. Em uma entrevista à ACN, disse: “O crescimento do Islamismo é palpável. Pode-se ver em todos os lados. É uma invasão, com dinheiro dos estados do Golfo e do Paquistão, que compram as pessoas.”⁵⁰

Uma constatação importante revelada por investigações sobre o Islamismo militante mostrou o grau de violência a que as mulheres são sujeitas no processo de conversão forçada. Sob o domínio do grupo Estado Islâmico (EI) e de outros grupos hiperextremistas, houve uma tentativa sistemática de mudar a demografia da população, com o EI forçando mulheres não muçulmanas a converterem-se e a casarem, para poderem criar mais crianças de acordo com a sua visão do Islamismo. Em outros casos menos extremos, as investigações mostraram casos recorrentes de homens muçulmanos tendo filhos com mulheres que haviam sequestrado, convertidos à força e depois casados. Nesse último cenário, os motivos, ao contrário, não eram necessariamente puramente religiosos (ver Contexto – Violência sexual e conversão forçada de mulheres I- Nigéria, Síria e Iraque e II- Egito e Paquistão).

Este relatório da Liberdade Religiosa no Mundo 2018 concluiu que a militância de certas partes da comunidade muçulmana não é de modo

nenhum apenas uma ameaça para as pessoas que não seguem o Islamismo. As provas demonstram claramente que a tensão e violência fazem parte de um conflito crescente dentro do Islamismo no qual a expansão e o domínio opuseram sunitas contra xiitas. De fato, um acadêmico disse que o confronto é “o mais mortífero e irresolúvel conflito no Oriente Médio, e que ocorre entre muçulmanos”.⁵¹ Até que ponto o conflito tem origem em questões de dogma religioso é algo aberto à discussão. Muitos mencionaram a exploração econômica e política e concluíram que “não foram as diferenças teológicas que levaram ao recente derramamento de sangue...”⁵² Apesar disso, a expansão da luta pelo poder entre os blocos sunita e xiita – e os seus aliados internacionais – está sem sombra de dúvida intensificando o confronto (ver Caso de Estudo – AFGANISTÃO: Muçulmanos xiitas bombardeados por extremistas sunitas).

A ameaça do Islamismo militante durante o período em análise ampliou-se para muito além da Ásia e da África. Neste período houve uma intensificação dos ataques terroristas no Ocidente, sobretudo na Europa. A ameaça foi maior do que sugerem as aparências, pois muitas intensões de extremistas militantes foram barradas pela polícia e as forças de segurança.⁵³ Estes ataques, sejam eles em Manchester, Berlim, Barcelona, Paris ou outras partes, demonstraram que a ameaça do extremismo se tornou agora universal, iminente e sempre presente. Apesar de os motivos destes ataques incluírem preocupações políticas – aparente vingança pela ação militar ocidental na Síria e em outras regiões –, é frequente eles terem uma dimensão religiosa, com os agressores expressando desprezo pela sociedade ocidental liberal e pelo princípio da liberdade religiosa em geral. Em alguns casos, o alvo dos agressores era o Cristianismo. As investigações do ataque extremista em Las Ramblas, em Barcelona, em agosto de 2017, revelaram que os terroristas tinham planejado atacar a icônica basílica da Sagrada Família (Ver Caso de Estudo – ESPANHA: Extremista conduz veículo contra multidão, matando 15 pessoas). Muitos dos ataques foram realizados por pessoas que viviam no Ocidente, radicalizadas on-line e extremamente influenciadas pelas redes que recrutam pessoas à margem da sociedade. Muitas delas não viviam muito longe do lugar onde cometeram as suas atrocidades. Considerando como um todo, o período em análise testemunhou a emergência de um fenômeno novo que pode ser descrito como “terrorismo de proximidade”. Alguns dos ataques foram realizados por militantes que voltaram ao Ocidente em grandes quantidades após a derrota do EI no Iraque e na Síria. As investigações de analistas de segurança global do Soufan Centre estimaram que, em outubro de 2017, quase 425 britânicos membros do EI voltaram ao Reino Unido.⁵⁴

49 Emeka Okafor, ‘We Have Uncovered Plans to Islamise Nigeria By 2025 – CAN’, *Independent [Nigeria]*, 8 de maio de 2018, <https://independent.ng/we-have-uncovered-plans-to-islamise-nigeria-by-2025-can/> (acesso em 7 de julho de 2018)

50 Murcadha O Flaherty and Amélie de la Hougue, ‘New Cardinal highlights threat of “extremist Islam” from abroad’, *ACN (UK) News*, 15 de junho de 2018, <https://acnuk.org/news/madagascar-new-cardinal-highlights-threat-of-extremist-islam-from-abroad/> (acesso em 25 de junho de 2018)

51 Dr Mordechai Kedar, ‘The Most Deadly Middle East Conflict is Shia vs Sunni’, *Arutz Sheva*, 21 de novembro de 2013, www.israelnationalnews.com/Articles/Article.aspx/14132 (acesso em 7 de julho de 2018)

52 John McHugo, ‘Don’t blame the faith: it’s the politics’, *The Tablet*, 7 de julho de 2018, pp. 4-6

53 Anushka Asthana, ‘Nine terrorist attacks prevented in UK last year, says MI5 boss’, *The Guardian*, 5 de dezembro de 2017, <https://www.theguardian.com/uk-news/2017/dec/05/nine-terrorist-attacks-prevented-in-uk-in-last-year-says-mi5-boss> (acesso em 24 de junho de 2018). Em dezembro de 2017, o diretor-geral do MI5 Andrew Parker disse ao governo do Reino Unido que tinham sido realizados cinco ataques terroristas em solo britânico nos 12 meses anteriores, mas que também tinham sido evitados nove ataques.

54 Kitty Donaldson, ‘MI5 Chief Warns of Threat to UK from Russia, Islamic State’, *Bloomberg*, 14th May 2018, <https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-05-13/u-k-s-mi5-to-say-european-alliances-never-more-crucial-than-now> (acesso em 24 de junho de 2018)

CONTEXTO

VIOLÊNCIA SEXUAL E CONVERSÃO FORÇADA DE MULHERES (I) Nigéria, Síria e Iraque

Marta Petrosillo

Os grupos extremistas islâmicos na África e no Oriente Médio usaram frequentemente a violação como arma de guerra. A violência sexual sistemática pode ser uma ferramenta poderosa quando um grupo tenta oprimir outro.

Muitos jihadistas violam mulheres não muçulmanas e as forçam à conversão. A conversão forçada de uma mulher a outro grupo religioso significa que os seus filhos serão criados no Islamismo extremista dos jihadistas e que a escravização sexual das mulheres pelo agressor também impede os nascimentos dentro do grupo religioso da mulher.¹

As gestações e conversões forçadas são igualmente uma forma de garantir ‘a próxima geração de jihadistas’. Em dezembro de 2014, o grupo Estado Islâmico (EI) divulgou um panfleto que explicava aos seus seguidores que é “admissível” ter relações sexuais com escravas não muçulmanas, incluindo meninas, espancá-las e comercializá-las.² Esta é uma explicação para o que foi feito a milhares de mulheres yazidis e de outras minorias religiosas no chamado Califado estabelecido pelo EI no Iraque e na Síria.

No norte da Nigéria, o grupo Boko Haram, ligado ao EI, usou o sequestro de mulheres cristãs como forma de forçar os cristãos a abandonarem o norte. Um porta-voz do Boko Haram afirmou: **“Vamos pôr em ação novos esforços para explorar o medo do poder do Islã entre os cristãos sequestrando as suas mulheres”**.³ De acordo com Makmid Kamara da Anistia Internacional, as que foram sequestradas pelo EI sofreram “abusos horríveis”, incluindo violação.⁴

O caso mais conhecido é o do sequestro de 276 alunas, majoritariamente cristãs, que foram sequestradas de uma escola pública na vila de Chibok, no estado de Borno, na noite de 14 para 15 de abril de 2014. Muitas alunas não muçulmanas foram forçadas a converterem-se ao Islamismo e a casar com membros do Boko Haram. No dia 5 de maio desse mesmo ano, o Boko Haram divulgou um vídeo que mostrava algumas das jovens usando vestes islâmicas. Nos anos seguintes, várias jovens conseguiram escapar, enquanto outras foram libertadas após negociações: mais de 100 já foram libertadas; 82 foram libertadas em maio de 2017 em troca de cinco combatentes do Boko Haram. De acordo com a ONU: “As jovens relatam que foram sujeitas a violações – frequentemente sob a forma de ‘casamentos’ forçados – espancamentos, intimidação e fome, durante o período em cativeiro. Muitas regressaram grávidas ou com bebês por terem sido violadas.”⁵



1 Cf. Convention on the Prevention and Punishment of the Crime of Genocide, section 2

2 Hala jabber, ‘Isis issues guide to raping child slaves’, *Sunday Times*, 14 de dezembro de 2014, <https://www.thetimes.co.uk/article/isis-issues-guide-to-raping-child-slaves-zdq0mf95scb> (acessado em 1 de agosto de 2018)

3 ‘Boko Haram threatens to kidnap Christian women in Nigeria’, Barnabas Fund, 9 de março de 2012, <https://www.barnabasfund.org/en/news/BokoHaramthreatenstokidnapChristianwomeninNigeria> (acessado em 31 de julho de 2018)

4 ‘Nigeria: Chibok anniversary a chilling reminder of Boko Haram’s ongoing scourge of abductions’, Amnesty International, 13 de abril de 2017, <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2017/04/nigeria-chibok-anniversary-a-chilling-reminder-of-boko-harams-ongoing-scurge-of-abductions/> (acessado em 1 de agosto de 2018)

5 ‘Girls held by Boko Haram need support to rebuild shattered lives’, UNICEF Nigeria Media Centre, 18th October 2016, https://www.unicef.org/nigeria/media_10782.html (acessado em 31 de julho de 2018)



ESTUDO DE CASO AFGANISTÃO

MUÇULMANOS XIITAS BOMBARDEADOS POR EXTREMISTAS SUNITAS

Abril de 2018: Um homem-bomba do grupo Estado Islâmico (EI) atacou muçulmanos xiitas que estavam em um centro de registro eleitoral na capital, Cabul, matando pelo menos 57 pessoas e ferindo mais de 100. Entre os mortos havia 22 mulheres e oito crianças. Uma família de seis pessoas também foi morta nesse dia quando o seu veículo colidiu contra uma bomba no acostamento da estrada perto de outro centro eleitoral na cidade de Baghlan's Pul-e-Khumri.

Uma declaração da ONU condenando o ataque em Cabul confirmou que vários incidentes violentos ocorreram nos centros de registro eleitoral e que a bomba explodiu no bairro xiita muito povoado de Dasht-e-Barchi, na zona oeste da cidade. O Presidente afegão Ashraf Ghani escreveu no Twitter: "Condeno os ataques terroristas hediondos em Cabul e Pul-e-Khumri." Esta explosão foi a mais recente numa longa linha de ataques realizados por extremistas sunitas contra os xiitas afegãos. No final de dezembro de 2017, pelo menos 41 pessoas foram mortas e mais de 80 ficaram feridas em um ataque suicida à bomba num Centro Xiita de Cabul.

Os ataques à comunidade muçulmana xiita não se restringem ao Afeganistão ou ao Oriente Médio. Em Quetta, no Paquistão, onde houve uma série de ataques de militantes sunitas contra xiitas, agressores não identificados mataram cinco membros da comunidade muçulmana xiita Hazara. O ataque ocorreu em outubro de 2017. Ataques contínuos fizeram com que a comunidade se deslocasse para regiões altamente protegidas nos arredores da cidade.

Fontes: US News, 22 de abril de 2018; ABC 7NY News, 22 de abril de 2018; Al Jazeera, 22 de abril de 2018, 9 de outubro de 2017; BBC News (web), 28 de dezembro de 2017; New English Review, 11 de maio de 2018; UN Assistance Mission in Afghanistan, 22 de abril de 2018; Telegraph, 22 de abril de 2018; France 24, 22 de abril de 2018.

CONTEXTO

VIOLÊNCIA SEXUAL E CONVERSÃO FORÇADA DE MULHERES (II) Paquistão e Egito

Marta Petrosillo

O sequestro e a conversão forçada de mulheres de minorias religiosas, frequentemente acompanhado de violação e outra violência sexual, é um grande problema em vários países com particular preocupação nas violações dos direitos humanos, especialmente no Paquistão e no Egito. Estes sequestros não seguem um padrão. Alguns são oportunistas, enquanto outros são realizados por grupos organizados. Uma parte significativa deles não são necessariamente motivados exclusivamente pela fé religiosa, mas são sim uma combinação de fatores, incluindo estímulos financeiros. **ONGs locais no Paquistão calculam que todos os anos pelo menos 1.000 mulheres cristãs e hindus são sequestradas, forçadas a converterem-se ao Islamismo e a casar-se com os seus agressores. No Egito, pelo menos 550 mulheres cristãs com idades entre 14 e 40 anos desapareceram entre 2011 e 2014,⁶ e garotas continuam sendo sequestradas constantemente.**

Paquistão

De acordo com o Conselho de Direitos Humanos do Paquistão e o Movimento para a Solidariedade e Paz no Paquistão, os sequestros de mulheres estão aumentando. É frequente as autoridades dizerem aos pais que as jovens se converteram e casaram por vontade própria. Muitas famílias não reportam o crime ou então retiram o caso da justiça depois de ameaças contra outros membros femininos da família. No final de dezembro de 2017, três homens armados sequestraram uma jovem hindu de 14 anos de idade, retirando-a de sua casa na aldeia de Thar, província de Sindh. Disseram ao seu pai que a filha tinha se convertido livremente ao Islamismo e casado com um muçulmano local, Naseer Lunjo. A família insiste que ela foi pressionada.⁷

Estes sequestros fazem parte de um padrão maior de violência sexual contra mulheres de minorias religiosas: sendo mulheres com menos poder perante os tribunais do que as mulheres muçulmanas, são um alvo fácil, pois os violadores sabem que é pouco provável que sejam processados. Se uma mulher não pode provar que a relação sexual ocorreu contra a sua vontade, ela pode ser acusada de adultério e enfrentar a detenção, a flagelação ou mesmo o apedrejamento até à morte.⁸ Por esta razão, muitas mulheres têm medo de reportar a violência sexual cometida contra elas ou contra os seus familiares.

Egito

Os sequestros e casamentos forçados de mulheres cristãs coptas têm acontecido desde a década de 1970 e todos os meses são reportados novos casos. Em abril de 2018, pelo menos sete mulheres foram sequestradas.⁹ Em setembro de 2017, um homem que trabalhava anteriormente para uma rede de sequestros revelou que recebia € 2.500 de organizações extremistas por cada jovem.¹⁰ Quando as famílias vão à polícia para reportar o desaparecimento das suas filhas ou mulheres, é frequente encontrarem resistência. A polícia pode recusar-se a ajudar, dizendo por vezes às famílias que a mulher sequestrada foi embora e se converteu por vontade própria, como foi o caso de Christine Lamie em abril de 2018.

6 Figures from *Foundation of the Victims of Abduction and Forced Disappearance* (FVAFD)

7 'Teenage Hindu girl abducted, forcibly converted in Pakistan: Report', *Indian Express*, 21 de dezembro de 2017, <http://indianexpress.com/article/pakistan/teenage-hindu-girl-abducted-forcibly-converted-in-pakistan-report-4993480/> (acesso em 4 de junho de 2018)

8 See 'Pakistan village "court" sentences woman to death for adultery for saying she was raped', *Independent*, Terça-feira 30 de maio de 2017, <https://www.independent.co.uk/news/world/asia/pakistan-village-court-sentence-woman-death-adultery-rape-punjab-sexual-assault-rajapur-a7762801.html> (acesso em 4 de junho de 2018)

9 'Egypt's disappearing Coptic women and girls', *World Watch Monitor*, 1st May 2018, <https://www.worldwatchmonitor.org/2018/05/egypts-disappearing-coptic-women-and-girls/> (acesso em 31 de julho de 2018)

10 'Egypt: ex-kidnapper admits "they get paid for every Coptic Christian girl they bring in"', *World Watch Monitor*, 1 de maio de 2018, <https://www.worldwatchmonitor.org/2017/09/egypt-ex-kidnapper-admits-get-paid-every-copt-christian-girl-bring/> (acesso em 4 de junho de 2018)

Os ataques no Ocidente e em outras regiões mostraram outra característica do terrorismo de proximidade: um aumento na violência e na discriminação do Islamismo por motivos religiosos. No domingo, 29 de janeiro de 2017, homens armados entraram no Centro Cultural Islâmico da cidade do Quebec durante as orações da noite e começaram a disparar, matando seis pessoas e ferindo outras 18, o primeiro-ministro Justin Trudeau classificou o episódio como “ataque terrorista”.⁵⁵ Menos de seis meses mais tarde, Darren Osborne atacou a mesquita londrina de Finsbury Park, tendo gritado: “Quero matar todos os muçulmanos”.⁵⁶ Em março de 2018, Paul Moore, de 21 anos de idade, foi considerado culpado de tentativa de homicídio em Leicester, no Reino Unido. Ao conduzir o seu carro, subiu na calçada e atropelou deliberadamente uma mulher muçulmana que usava um lenço na cabeça, causando ferimentos graves e voltando com o carro para atacá-la novamente.⁵⁷ O relatório European Islamophobia Report 2017 relatou um aumento nos ataques contra muçulmanos, concluindo: “A islamofobia tornou-se um problema grave”.

No centro do problema está o desconforto no Ocidente com a entrada em massa de muçulmanos, especialmente na Europa, e a comparativamente elevada taxa de nascimentos entre as comunidades muçulmanas⁵⁸ (**ver Contexto – Crise no Islamismo**). Embora muitos países europeus estejam abertos a migrantes muçulmanos, um estudo da Chatham House, publicado em fevereiro de 2017, mostrou que em média 55% dos pesquisados de 10 países europeus disseram que “toda a imigração futura de países majoritariamente muçulmanos deve ser interrompida”.⁵⁹ Na Alemanha, os ataques a refugiados, sobretudo muçulmanos, aumentaram de 1.031 em 2015 para mais de 3.500 um ano mais tarde.⁶⁰ Considerado como um todo, o aumento do terrorismo de proximidade ameaça as sociedades em termos religiosos, criando potencialmente uma cultura de desconfiança. Além da violência, cresceram as preocupações com a discriminação contra muçulmanos. Investigações nos EUA mostram que quase 75% dos muçulmanos sentiram que havia “muita discriminação” contra eles no país.⁶¹

Um aspecto importante da preocupação com o crescimento do Islamismo militante no Ocidente foram provas que ligam imigrantes muçulmanos a um aumento do antissemitismo. Na França, cuja comunidade judaica de cerca de 500.000 é a maior na Europa, houve um aumento bem documentado de ataques (**ver Caso de Estudo – FRANÇA: Mulher judia atirada pela janela do terceiro andar**) e de violência contra centros culturais e religiosos judaicos. Em abril de 2018, o jornal Le Figaro publicou uma “declaração” de 300 dignitários franceses, muitos deles judeus, denunciando um “novo antissemitismo” marcado pela “radicalização islâmica”.⁶² Entre relatos de uma onda de migração de judeus franceses para Israel nos últimos anos, os signatários da declaração condenaram o que descreveram como uma “limpeza étnica silenciosa” movida por um crescente fundamentalismo islâmico, em especial nos bairros da classe operária.⁶³

Perante este cenário, existem evidências sugerindo uma pequena, mas potencialmente significativa mudança, com um afastamento da fé e da prática religiosa tradicional entre os que chegaram recentemente ao Ocidente vindos do Oriente. Isto afetou vários diferentes grupos de fé. Em março de 2018, o Pew Research Center publicou uma pesquisa que mostrou que “23% dos americanos criados como muçulmanos já não se identificam com a sua fé”. Contudo, e isto é importante, “a maior parte deles não revela esta sua falta de fé”, receando possível exclusão social, em especial por parte da família.⁶⁴ As evidências também sugerem que o afastamento da prática muçulmana tradicional acontece não apenas em partes do Ocidente, mas também em alguns países islâmicos. O Conselho de ex-Muçulmanos do Reino Unido afirmou em março de 2018 que, apesar de terem sido vendidos 3,3 milhões de exemplares do livro de Richard Dawkins “A Desilusão de Deus” desde 2006, “só o pdf não oficial em língua árabe foi baixado pela internet 13 milhões de vezes”.⁶⁵ O conselho reafirmou que as pessoas nos países de língua árabe e em outros países muçulmanos estavam relutantes em abandonar a fé de forma pública, ou mesmo a questioná-la. Esta era uma reação ao que o conselho descrevia como “o autoritarismo da norma religiosa... e violência incessante”, bem como apostasia, que é tecnicamente punível com a morte no Islamismo.⁶⁶

55 Ashifa Kassam and Jamiles Lartey, ‘Quebec City mosque shooting: six dead as Trudeau condemns “terrorist attack”’, *The Guardian*, 30 de janeiro de 2017, <https://www.theguardian.com/world/2017/jan/30/quebec-mosque-shooting-canada-deaths> (acesso em 7 de julho de 2018)

56 Bonnie Malkin et al., ‘Finsbury Park mosque attack: suspect named as Darren Osborne, 47-year-old who lives in Cardiff – as it happened’, *The Guardian*, 20 de junho de 2017, <https://www.theguardian.com/uk-news/live/2017/jun/19/north-london-van-incident-finsbury-park-casualties-collides-pedestrians-live-updates> (acesso em 24 de junho de 2018)

57 Hanna Yusuf, ‘Mother who was run over twice by attacker: “I thought I had died”’, *BBC News*, 27 de março de 2018, <https://www.bbc.co.uk/news/uk-43544115> (acesso em 12 de julho de 2018)

58 Michael Lipka, ‘Muslims and Islam: Key findings in the US and around the world’, *Pew Research Center*, 9 de agosto de 2017, <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/08/09/muslims-and-islam-key-findings-in-the-u-s-and-around-the-world/> (acesso em 24 de junho de 2018)

59 ‘What Do Europeans Think About Muslim Immigration?’, *Chatham House*, 7 de fevereiro de 2017, <https://www.chathamhouse.org/expert/comment/what-do-europeans-think-about-muslim-immigration#> (acesso em 11 de julho de 2018)

60 ‘Report reveals increase in anti-Muslim sentiment across Germany’, *Daily Sabah*, 24 de outubro de 2017, <https://www.dailysabah.com/islamophobia/2017/10/25/report-reveals-increase-in-anti-muslim-sentiment-across-germany> (acesso em 7 de julho de 2018)

61 Katayoun Kishi, ‘Assaults Against Muslims in US Surpass 2001 Level’, *Pew Research Center*, 15 de novembro de 2017, <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/11/15/assaults-against-muslims-in-u-s-surpass-2001-level/> (acesso em 21 de fevereiro de 2018)

62 ‘“Contre le nouvel antisemitisme”: des centaines de personnalités signent une tribune’, *Le Figaro*, 22 de abril de 2018, <http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2018/04/22/01016-20180422ARTFIG00027-contre-le-nouvel-antisemitisme-des-centaines-de-personnalites-signent-une-tribune.php> (acesso em 24 de junho de 2018)

63 ‘The New Antisemite’, 22 de abril de 2018, <http://antisemitism-europe.blogspot.com/2018/04/france-300-personalities-denounce-quiet.html> (acesso em 24 de junho de 2018)

64 ‘The number of ex-Muslims in America is rising’, *The Economist*, 17 de maio de 2018, <http://media.economist.com/news/united-states/21738904-yet-even-land-free-apostasy-isnt-easy-number-ex-muslims-america> (acesso em 24 de junho de 2018)

65 ‘Demand for atheism rises in countries under Islamic rule’, *Ex-Muslim*, 27 de março de 2018, <https://www.ex-muslim.org.uk/2018/03/demand-for-atheism-rises-in-countries-under-islamic-rule/> (acesso em 24 de junho de 2018)

66 Ibid

EXTREMISTA ISLÂMICO CONDUZ VEÍCULO CONTRA MULTIDÃO, MATANDO 15 PESSOAS

Agosto de 2017: O extremista Islâmico Younes Abouyaaqoub conduziu uma van em alta velocidade contra a multidão que caminhava em Las Ramblas em Barcelona, matando 15 pessoas e ferindo mais de 120. O marroquino de 22 anos de idade zigzagueou através uma passagem de pedestres com o óbvio objetivo de causar o máximo de mortes. O Estado Islâmico (EI) reivindicou a responsabilidade do ataque.

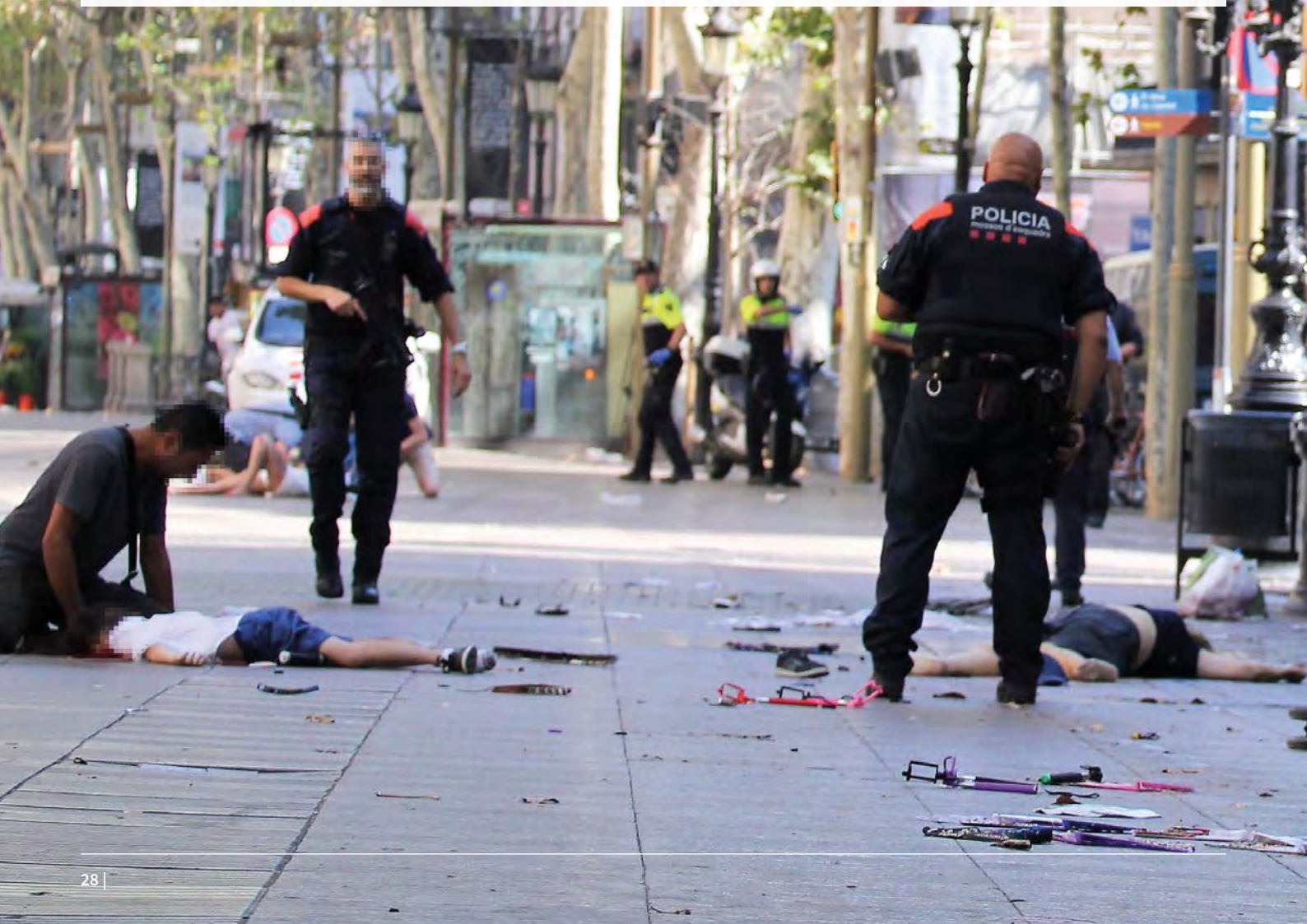
Abouyaaqoub conseguiu inicialmente fugir, mas a polícia localizou o seu paradeiro. Três dias depois do ataque ele foi morto a tiro perto da cidade de Subirats, a 50km de Barcelona. No momento em que foi encontrado, usava um cinto suicida falso e o ouviram gritando “Allahu Akbar” (expressão que significa ‘Deus é grande’).

Naquela semana houve outros incidentes violentos na região. No dia anterior ao ataque em Las Ramblas, uma casa em Alcanar, Tarragona, foi destruída por uma explosão. De acordo com a polícia, o explosivo caseiro destinava-se a atacar a icônica Basílica da Sagrada Família, de Gaudi, em Barcelona. No dia seguinte ao ataque em Las Ramblas, um carro foi jogado contra um veículo policial à beira-mar em Cambrils, também Tarragona. Um dos agressores esfaqueou uma mulher. A polícia matou cinco terroristas suspeitos. As autoridades espanholas ligaram estes acontecimentos a uma célula terrorista de 12 membros liderada pelo imã militante Abdelbaki Es Satty.

O relatório de Segurança Nacional da Espanha de 2016 afirmou que não é apenas em Barcelona mas em outras partes da Catalunha que “o processo de radicalização ocorreu mais rapidamente e a comunidade islâmica é caracterizada como a mais radical, com mais ligações a outros extremistas na Europa”.

Depois dos ataques, quase 1.000 muçulmanos caminharam em Las Ramblas com um cartaz com os dizeres “Muçulmanos contra o terrorismo”. O principal rabino de Barcelona, Meir Bar-Hen, descreveu a Espanha como uma “plataforma do terrorismo islâmico para toda a Europa”. E sugeriu que os judeus deveriam emigrar para Israel, porque a “Europa está perdida”.

Fontes: Gencat.cat, 30 de agosto de 2017; Guardian, 22 de agosto de 2017; Independent, 20 de agosto de 2017; Sky News, 18 de agosto de 2017; Telegraph, 21 de agosto de 2017; La Vanguardia, 21 de agosto de 2017; Informe Anual de Seguridad Nacional 2016.





ESTUDO DE CASO **FRANÇA**



Image: Plume Heters Tannenbaum / Hans Lucas



Image: Confederation of the Jews of France and Friends of Israel

Uma procissão realizada em memória de Sarah Halimi – abril de 2017.

Resumindo, o período em análise testemunhou alguns passos importantes para a liberdade religiosa, que dificilmente poderiam ter sido previstos na época do relatório anterior, há dois anos. O principal deles surgiu das grandes derrotas sofridas pelo EI e outros grupos hiperextremistas, no Iraque e na Síria, no nordeste da Nigéria e em outras regiões. Isto não só pôs fim às violações extremas da liberdade religiosa por parte dos hiperextremistas islâmicos, mas também marcou, pelo menos em alguns casos, a volta de grupos religiosos minoritários cruelmente expulsos pelos hiperextremistas. Contudo, apesar de o hiperextremismo islâmico ter sido forçado a abandonar algumas regiões, em outras ele se expandiu, com consequências devastadoras em partes da África, incluindo o Cinturão Central da Nigéria,

a Somália; e o Islamismo wahabi sendo exportado para Madagascar. O Islamismo militante foi um dos vários fatores que desencadeou uma forte desaceleração da liberdade religiosa entre 2016 e 2018, pelo menos na Europa, que foi vítima do terrorismo de proximidade. O nacionalismo – em especial governamental – tornou-se cada vez mais agressivo, com consequências profundamente perturbadoras para os grupos religiosos minoritários. Este desenvolvimento, que pode ser chamado de ultranacionalismo, é especialmente significativo porque agora é dominante na China, Rússia e Índia, potências mundiais com influência crescente em todo o mundo. Outros governos estão tornando-se cada vez mais ultranacionalistas na sua hostilidade para com os grupos minoritários, como o regime em Mianmar, cuja violência com

MULHER JUDIA ATIRADA PELA JANELA DO TERCEIRO ANDAR

Abril de 2017: A Dra. Sarah Halimi, uma avó judia de 65 anos de idade, foi espancada e atirada pela janela do terceiro andar de sua casa em Paris. Um muçulmano de descendência maliana, que também vivia no mesmo prédio, foi acusado do homicídio da mulher. Na época em que escrevemos, o seu julgamento ainda está pendente. Os vizinhos, incluindo muçulmanos, afirmaram que tinham ouvido o homem gritando slogans religiosos em árabe durante o homicídio, incluindo partes do Corão.

Foram demonstradas preocupações de que as autoridades francesas e a imprensa estavam relutantes em citar a dimensão religiosa do crime. Os manifestantes – grupos judaicos, intelectuais famosos e algumas figuras políticas – estavam particularmente zangados com a ausência de um elemento antissemita na acusação contra o agressor. O homem que atacou a Dra. Halimi alegou insanidade temporária: ele havia consumido maconha antes do ataque e os psiquiatras se mostraram divididos sobre se ele está em condições de ir ao tribunal. Dez meses após o ataque, os tribunais reclassificaram formalmente a morte da Dra. Halimi como “homicídio tendo o antissemitismo como fator agravante”.

A extensão do antissemitismo na França é destacada pelo fato de, menos de um mês após o juiz ter confirmado que o assassino de Sarah Halimi tinha sido motivado por antissemitismo, no final de fevereiro de 2018, Mireille Knoll, uma avó de 85 anos de idade que sobreviveu ao Holocausto, foi repetidamente esfaqueada na sua casa por dois homens, que mais tarde queimaram o seu corpo.

A França acolhe a maior população judaica da Europa Ocidental e muitos nesta comunidade de 400.000 membros se queixaram durante anos de um aumento dos crimes de ódio antissemita. Perante tais ataques, os últimos anos têm presenciado um grande aumento da emigração de judeus, muitos partindo definitivamente para Israel.

A morte da Dra. Halimi desencadeou novos comentários na imprensa, destacando estudos que apontam para um aumento do antissemitismo, em especial entre as partes radicalizadas da comunidade muçulmana.

Fontes: Jewish Chronicle, 25 de agosto de 2017, 12 de julho de 2018; Telegraph, 28 de fevereiro de 2018; Jerusalem Post, 26 de junho de 2018.

os muçulmanos rohingya chocou os observadores de direitos humanos em todo o mundo. Uma cortina cultural caiu, atrás da qual as minorias religiosas sofrem enquanto o Ocidente, com seu analfabetismo religioso, fecha os olhos. Esta publicação é uma exceção à tendência predominante. Na Europa e em outras partes do Ocidente, pouco foi feito para transformar as palavras de preocupação em uma agenda para defender a liberdade religiosa. É quase como se considerássemos os países onde as comunidades religiosas sofrem, como indiferentes à liberdade religiosa. Como os relatórios individualizados por país, preparados para este relatório de Liberdade Religiosa no Mundo de 2018, mostram claramente e em mais de uma vez, a vitimização mais notória dos grupos religiosos – que seguem a lei – ocorre em nações cuja articulação dos princípios da

liberdade religiosa é eloquente e ambiciosa. Embora poucos questionem o valor da liberdade religiosa no Ocidente, parece que ela perdeu terreno para outros direitos – notadamente etnia, gênero e sexualidade – cujo avanço, sem dúvida, é visto como dificultado pela religião. Ainda, em um mundo popularizado como uma aldeia global, onde o intercâmbio cultural se expandiu maciçamente através de enormes meios de comunicação e mudanças tecnológicas, migração em massa e mobilidade social, as perspectivas para a paz e a coesão comunitária serão inevitavelmente contidas, mantendo o analfabetismo religioso e a apatia. Para a maioria das pessoas no mundo, a religião ainda é uma força motriz crucial e muitas vezes preponderante. Grande parte do Ocidente, no entanto, ignora a importância da religião por sua conta e risco.

CONTEXTO

CRISE NO ISLAMISMO Marc Fromager

Os estudos mostram que muitas pessoas no ocidente têm uma atitude ambivalente para com o Islamismo, misturada com ignorância e medo.¹ O Islamismo surge regularmente nas manchetes dos noticiários, mas frequentemente de forma negativa com inúmeros relatos de violência envolvendo extremistas. Junto a isto estão preocupações em partes da sociedade sobre a crescente visibilidade dos muçulmanos no ocidente. Isto relaciona-se com as vestimentas características dos muçulmanos e a expansão em números desta comunidade, em contraste total com o envelhecimento da população em outras partes da sociedade ocidental.

Tudo isto cria uma impressão da crescente força numérica do Islã no ocidente, em especial na Europa. E surgem previsões de que os muçulmanos estão a caminho de se tornarem a maior parte da população em certas cidades e regiões. Os muçulmanos constituem 13% da população em Roterdã, mas 70% dos jovens da cidade têm origens na imigração, muitos deles vindos de países muçulmanos, incluindo a Turquia e Marrocos.² Entretanto, estudos demográficos preveem que, daqui a duas gerações, os muçulmanos na Europa como um todo vão duplicar e passar a ser mais de 10% da população.³ Grupos extremistas declararam abertamente o seu objetivo, como expressou um jihadista australiano, de “liderar os exércitos da jihad que vão conquistar a Europa e a América”.⁴ Em setembro de 2016, o Cardeal Christoph Schönborn, arcebispo de Viena, fez uma homilia na sua catedral e colocou a seguinte questão: “Será que agora vai haver uma [nova] tentativa de conquista islâmica da Europa? Muitos muçulmanos pensam e desejam que assim seja, e dizem: Esta Europa está acabada.”⁵

Contudo, apesar de toda esta aparente confiança na expansão, há – até certo ponto escondido da vista de muitos – uma crise crescente dentro do Islamismo. Primeiro, há uma divisão, para não dizer uma guerra aberta, entre os dois principais ramos do Islã: os sunitas e os xiitas. As tensões resultam em grande parte de divisões sectárias entre a Arábia

Saudita, que defende o Islamismo sunita wahabi, e a transformação do Irã em um poder xiita em 1979, mudanças que “reavivaram uma rivalidade sectária de séculos sobre a verdadeira interpretação do Islã”.⁶ Até mesmo dentro destes dois grandes grupos há conflito, particularmente sobre as áreas geográficas de influência. Os incidentes de conflito entre a Al Nusra e o grupo Estado Islâmico (EI) – ambos grupos sunitas – na Síria estão bem documentados.⁷ Os acontecimentos no Oriente Médio, Indonésia, Paquistão e outras regiões da Ásia indicam uma radicalização em partes do mundo muçulmano. Isto não seria problemático em si – na realidade, os muçulmanos têm direito de praticar a sua fé conforme acharem adequado –, mas essa radicalização é frequentemente acompanhada de intolerância para com os outros. Nas áreas onde os muçulmanos radicalizados são (no momento) uma minoria, há uma rejeição de integração⁸ e em outras áreas, onde eles são predominantes, há uma discriminação ativa e muitas vezes ameaçadora para com as minorias.⁹

Apesar disso, as origens desta radicalização apontam para sinais de fraqueza. Por um lado, há os fatores externos, como a dependência do dinheiro do Golfo,¹⁰ acompanhada da wahabização de várias comunidades sunitas. A Arábia Saudita, principal defensora do wahabismo, foi criticada quando reagiu à crise de refugiados europeia em 2015 “oferecendo-se para construir 200 mesquitas na Alemanha... uma por cada 100 refugiados que entraram na Alemanha”.¹¹ Por outro lado, há os fatores internos, o confronto cultural e filosófico com a modernidade e o impacto da globalização através da qual os valores e normas ocidentais são propagados, sobretudo através das redes sociais.

Finalmente, tudo aponta para que alguns muçulmanos estejam abandonando o Islamismo, seja para abraçar o ateísmo¹² ou o Cristianismo, com relatos indicando que o número de conversões secretas está aumentando,¹³ incluindo em países como a Suécia.¹⁴

1 Harry Farley, ‘Islam and the West: “Worrying” report reveals Britons’ attitudes to Muslims’, *Christian Today*, 30 de agosto de 2017, <https://www.christiantoday.com/article/islam-and-the-west-worrying-report-reveals-britons-attitudes-to-muslims/112717.htm> (acesso em 31 de julho de 2018)

2 ‘Rotterdam, Netherlands – Intercultural City’, *Council of Europe*, <https://www.coe.int/en/web/interculturalcities/rotterdam>

3 ‘Muslim population in Europe to reach 10% by 2050, new forecast shows shows – Pew Research study...’, *The Guardian*, 2 de abril de 2015, <https://www.theguardian.com/world/2015/apr/02/muslim-population-growth-christians-religion-pew> (acesso em 31 de julho de 2018)

4 “‘They are all enemies, their hearts are black’: Australian Islamic extremist delivers hate speech calling for “armies of jihad” to conquer Europe and America so “the word of Allah will reign supreme”’, *Daily Mail*, 14 de abril de 2016, <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3538989/Australian-Muslim-extremist-Islam-al-Wahwah-leads-Hizb-ut-Tahrir-calls-armies-jihad-conquer-Europe-America.html> (acesso em 31 de julho de 2018)

5 ‘Cardinal Schonborn warns of “Islamic conquest of Europe”’, *Catholic News Agency*, 14 de setembro de 2016, <https://www.catholicnewsagency.com/news/cardinal-schonborn-warns-of-islamic-conquest-of-europe-59849> (acesso em 31 de julho de 2018)

6 ‘The Sunni-Shia Divide’, *Council on Foreign Relations*, <https://www.cfr.org/interactives/sunni-shia-divide#/sunni-shia-divide> (acesso em 31 de julho de 2018)

7 ‘Daesh suicide bomber blows himself up in al-Nusra Front Command Center in Syria’, *Sputnik International*, 5 de março de 2017, <https://sputniknews.com/middleeast/201703051051283235-daesh-nusra-fight-syria/> (acesso em 31 de julho de 2018)

8 “According to Dr Ahmed Ibrahim Khadr, the first loyalty of radicals is to Islam while the first loyalty for moderates, regardless of their religion, is to the state. Radicals reject the idea of religious equality because Allah’s true religion is Islam; moderates accept it.” Raymond

Ibrahim, “‘Radical’ vs. “Moderate” Islam: A Muslim view’, *Gladstone Institute*, 25 de maio de 2016, <https://www.gladstoneinstitute.org/8101/radical-moderate-islam>

9 “A new and very sad phenomenon is the persecution of Christians and other religious minorities in Muslim-majority countries, which has greatly increased since the rise of the extremist groups.” Shaykh Umar Al-Qadri, ‘Tackling Islamist extremism’, *Dialogue Islam*, 2 de abril de 2016, <https://dialogueireland.wordpress.com/2016/04/02/tackling-islamist-extremism-by-shaykh-umar-al-qadri-in-the-irish-catholic/> (acesso em 31 de julho de 2018)

10 Taj Hargey, ‘First Person – Dr Taj Hargey: We must seize agenda back’, *The Oxford Times*, 30 de maio de 2013, http://www.oxfordtimes.co.uk/news/opinions/first_person/10453482.First_person___Dr_Taj_Hargey___We_must_seize_agenda_back/

11 Adam Withnall, ‘Saudi Arabia offers Germany 200 mosques – one for every 100 refugees who arrived last weekend’, *The Independent*, 11 de setembro de 2015, <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/saudi-arabia-offers-germany-200-mosques-one-for-every-100-refugees-who-arrived-last-weekend-10495082.html> (acesso em 31 de julho de 2018)

12 ‘Losing their religion: the hidden crisis of faith among Britain’s young Muslims’, *The Guardian* 15 de maio de 2015, <https://www.theguardian.com/global/2015/may/17/losing-their-religion-british-ex-muslims-non-believers-hidden-crisis-faith> (acesso em 31 de julho de 2018)

13 ‘Muslims turning to Christ – a global phenomenon’, *Premier Christianity*, Junho de 2016, <https://www.premierchristianity.com/Past-Issues/2016/June-2016/Muslims-turning-to-Christ-a-global-phenomenon> (acesso em 31 de julho de 2018)

14 Hollie McKay, ‘Christian convert from Iran converting Muslims in Sweden’, *Fox News*, 17th January 2018, <http://www.foxnews.com/world/2018/01/17/christian-convert-from-iran-converting-muslims-in-sweden.html> (accessed 31st July 2018)



Image: Marco Ugarte/AP/Shutterstock

ESTUDO DE CASO MÉXICO

CLERO É ALVO DAS ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS

Setembro de 2016: Familiares e paroquianos juntaram-se na Igreja de Nossa Senhora da Assunção em Paso Blanco, estado de Veracruz, México, para o funeral do sacerdote assassinado, Padre Jose Alfredo Suarez de la Cruz, que foi um dos dois sacerdotes que as autoridades encontraram amarrados e atingidos por tiros no acostamento da estrada no estado de Veracruz.

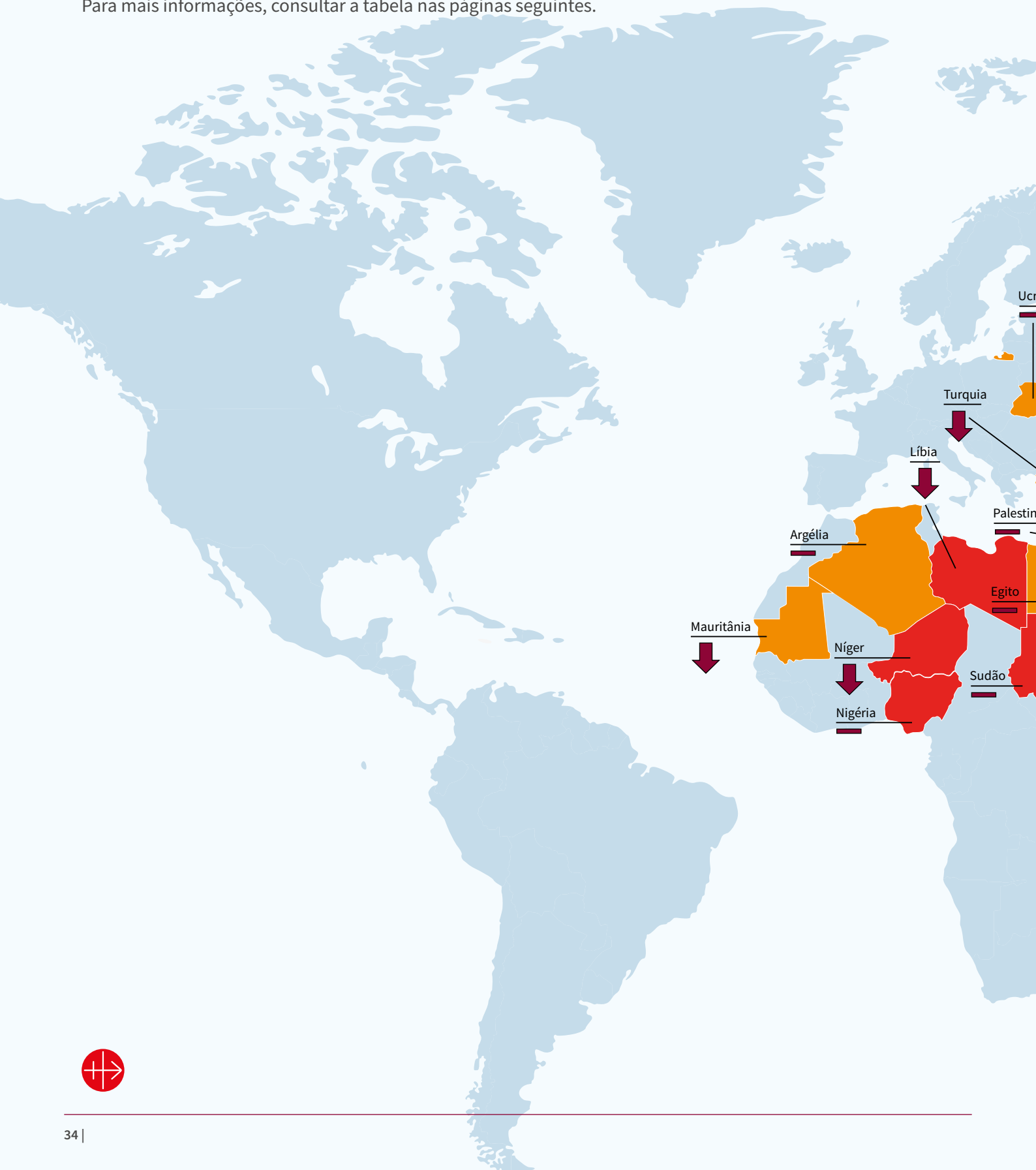
Milhares de mexicanos inocentes foram mortos nos últimos cinco anos, incluindo pelo menos 23 sacerdotes. A raiz do problema está no crime organizado, incluindo os cartéis de droga e as gangues que lidam com combustível roubado. Os sacerdotes católicos têm sido atacados porque a Igreja tem criticado abertamente a relação entre os criminosos e os responsáveis corruptos que os apoiam. O Padre Sergio Omar, do Centro Católico Multimídia (CCM) no México, disse: “Matar um padre... simboliza uma demonstração de poder por parte das organizações criminosas.” As organizações de comunicação no México, incluindo o CCM, afirmam que os cartéis de droga formaram alianças com alguns políticos e juízes e com membros da polícia e das forças de segurança, o que “causa decadência da cabeça aos pés na sociedade”.

O México é o país mais perigoso da América Latina para os sacerdotes, sofrendo sequestros, tiroteios, espancamentos, esfaqueamentos e ataques com bombas contra a Igreja, incluindo a catedral da cidade do México. O CCM reportou 884 casos de sacerdotes que foram ameaçados ou chantageados só em 2017. O centro acrescentou que 51 padres foram mortos nos últimos 30 anos, calculando que a tortura esteve envolvida em 80% dos casos em que os sacerdotes foram assassinados.

Fontes: ACN (UK) news, 25 de abril de 2018; Catholic Herald, 20 de abril de 2018; Catholic News Agency, 11 de agosto de 2017; USA Today, 24 de abril de 2018; Entrevista com o Centro Católico Multimídia, México.

PAÍSES COM VIOLAÇÕES SIGNIFICATIVAS DA LIBERDADE RELIGIOSA

Este mapa indica os países onde há um nível significativo de discriminação ou perseguição de acordo com a análise do relatório da Liberdade Religiosa no Mundo. Para mais informações, consultar a tabela nas páginas seguintes.



Natureza da perseguição / discriminação

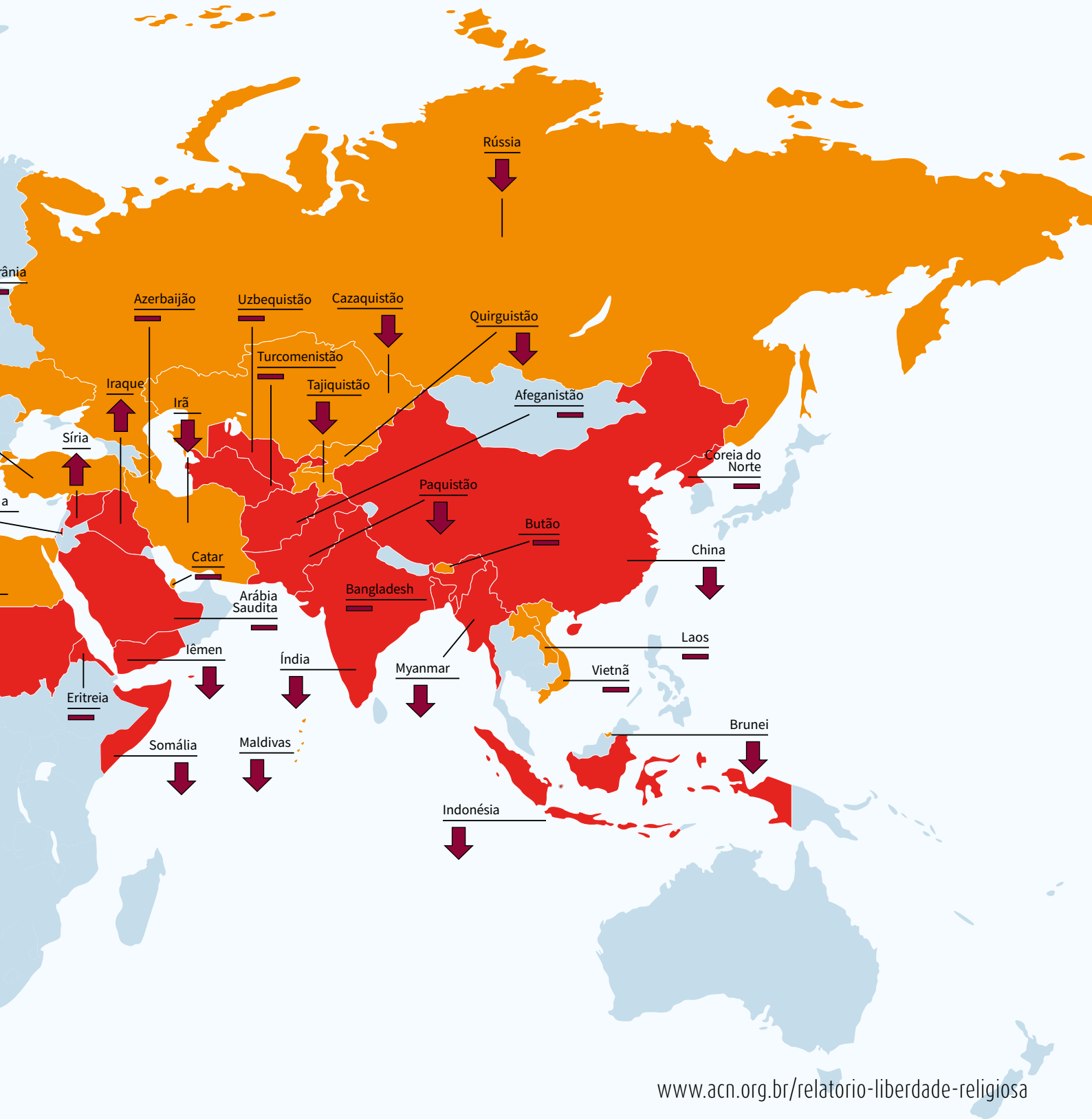
■ = Perseguição

■ = Discriminação

↑ = Situação melhorou

— = Situação se manteve

↓ = Situação piorou



PAÍSES COM VIOLAÇÕES SIGNIFICATIVAS DA LIBERDADE RELIGIOSA

País	Categoria	Comparação com o relatório de junho/2016	Principal Infrator	Principal Infrator
Afeganistão			Não estatal	Blasfêmia punível com a morte. Conversão do Islamismo é ilegal. Não há igrejas públicas. Cristãos e bahá'ís estão entre os grupos que praticam a religião em segredo. Extremistas atacaram mesquitas e bairros xiitas. Entre janeiro de 2016 e novembro de 2017, houve 51 ataques a grupos religiosos, de acordo com ONU – 870 mortes civis.
Arábia Saudita			Estatual	Sinais de abertura mascaram opressão sistemática das minorias religiosas. Conversão do Islamismo punível com a morte. Proibida a importação e distribuição de materiais religiosos não islâmicos. Proibição de locais de culto não islâmicos. Março de 2018: Príncipe Herdeiro reuniu-se com Papa Ortodoxo Copta na catedral egípcia.
Argélia			Estatual	Proselitismo por não muçulmanos é punível com multa de até 5 anos de prisão. Em 2017, um cristão convertido do Islamismo foi acusado de insultar o Islamismo e encarcerado. Muçulmanos ahmadis vítimas de repressão governamental.
Azerbaijão			Estatual	Leis alteradas em maio de 2017 para permitir que cidadãos nacionais e estrangeiros autorizados liderem cerimônias islâmicas. Estado aumentou restrições a grupos religiosos não autorizados. Em 2016, 26 livrarias e casas inspecionadas, literatura não autorizada apreendida. Multas para encontros religiosos não autorizados.
Bangladesh			Não estatal	Violência islâmica contra figuras proeminentes. Ataque a um café por extremistas islâmicos matou 22 pessoas em julho de 2016. No período em análise, 40 pessoas assassinadas, incluindo 18 intelectuais estrangeiros, acadêmicos e editores, classificados como ateus.
Butão			Estatual	Todo o proselitismo “estrangeiro” (ou seja, não budista) proibido. Pessoal religioso não budista não autorizado no país. Religiões não budistas devem ser praticadas em privado. Cristãos vistos como uma ameaça à “identidade nacional butanesa”.
Brunei			Estatual	Passos dados para aprovar novo Código Penal da sharia altamente restritivo. Propagação da fé para além do Islamismo é punível com pena de prisão. Celebrações do Natal proibidas desde 2015. O governo proibiu totalmente o Islamismo ahmadiyya, os Bahá'ís e as Testemunhas de Jeová.
Catar			Estatual	Lei criminaliza proselitismo não islâmico. Aprovação de planos para construção de uma igreja evangélica e conferências sobre o papel dos cristãos na sociedade sugerem que a situação está melhorando. Contudo, continua um país altamente conservador, com restrições à liberdade religiosa no âmbito estatal e social.
Cazaquistão			Estatual	Novas leis aumentaram restrições à liberdade religiosa, afetando educação religiosa, proselitismo e confisco de materiais não aprovados: crianças não podem frequentar serviços religiosos sem serem acompanhadas por um familiar. Em 2017, mais de 280 julgamentos envolvendo pessoas acusadas de atividade religiosa não autorizada.

ÍCONES:

-  = Perseguição
-  = Discriminação
-  = Não classificado

-  = Situação melhorou
-  = Situação se manteve
-  = Situação piorou

Esta tabela indica os países onde existem níveis significativos de discriminação ou perseguição, de acordo com a análise no *Relatório Liberdade Religiosa no Mundo*. Para mais detalhes, consulte www.acn.org.br/relatorio-liberdade-religiosa

País	Categoria	Comparação com o relatório de junho/2016	Principal Infrator	Principais indicadores
China			Estatual	Maior opressão da atividade religiosa em todo o país. “Regulamento sobre Assuntos Religiosos”, introduzido em abril de 2018, altamente restritivo da atividade religiosa online. Bíblia proibida de ser vendida online em abril de 2018. Relatos de janeiro de 2018 afirmam que mais de 100.000 muçulmanos uigures estão detidos em campos de “reeducação”.
Coreia do Norte			Estatual	Provavelmente o pior país do mundo para a liberdade religiosa. Recusa sistemática de cada preceito da liberdade religiosa. Acredita-se que 25% dos cristãos estão em campos de detenção. Os cristãos receberam tratamento especialmente duro. A situação já é tão má que dificilmente poderia piorar.
Egito			Estatual, Não estatal	Situação estabilizou-se com apelo do presidente a uma reforma antiextremista do Islamismo. Governo não reconhece conversão do Islamismo e entrada sobre ‘religião’ no bilhete de identidade não pode ser alterada. Leis e políticas discriminam não muçulmanos. Intolerância social profundamente enraizada contra cristãos.
Eritreia			Estatual	Falta de informação fidedigna transmitida para fora do país. Governo continua controlando estritamente as instituições religiosas. Assédio de grupos não registrados continua, incluindo buscas e prisões de suspeitos. Em 2017, o governo passou a controlar inúmeras escolas religiosas muçulmanas e cristãs ortodoxas.
Iêmen			Estatual, Não estatal	Proselitismo proibido. Conversão do Islamismo a outra religião proibida. Iêmen é uma base para grupos islâmicos. ONU advertiu sobre “escalada recente” da perseguição a bahá’ís. Sacerdote sequestrado de lar de idosos e mantido preso durante 14 meses. Houthis consideram comunidade judaica como “inimigo”.
Índia			Estatual, Não estatal	Entre 2016 e 2017, ataques a cristãos quase duplicaram para 736. Liberdade religiosa na Índia com “tendência decrescente” de acordo com observadores de liberdade religiosa. Números estatais de fevereiro de 2018 destacam agravamento da violência religiosa. Dentre 29 estados, 6 têm leis anticonversão.
Indonésia			Estatual, Não estatal	Três igrejas em Surabaya atacadas no dia 13 de maio de 2018, matando 13 pessoas. Perseguição de muçulmanos xiitas e ahmadiyya. Quando uma budista pediu que o som dos autofalantes de uma mesquita fosse baixado em 2017, um templo budista foi incendiado. Pastores fugiram de Aceh Singkil após ameaças de morte.
Irã			Estatual	Não muçulmanos proibidos de trabalharem no sistema judicial e polícia. Vestuário islâmico obrigatório para não muçulmanos. Condenação de fiéis em igrejas domésticas aumentou. Maior pressão sobre os bahá’ís, aumento do número de lojas bahá’ís fechadas. Dezenas de sufis detidos. Governo propaga antisemitismo.
Iraque			Não estatal	Cristãos e outros regressam às suas terras natais depois do grupo Estado Islâmico ser expulso. Governo respeita liberdade de culto religioso, mas minorias não estão bem protegidas. Lei do governo do Curdistão de 2016 defende liberdade religiosa e texto provisório da Constituição reconhece direitos de não muçulmanos.

País	Categoria	Comparação com o relatório de junho/2016	Principal Infrator	Principal Infrator
Laos			Estatal	Governo interfere nas atividades religiosas criando dificuldades sobretudo aos grupos religiosos não registrados, em particular aos protestantes. Conversões religiosas especialmente problemáticas em regiões dominadas por animistas. Ataques físicos e legais a líderes de religiões não tradicionais.
Líbia			Estatal	Embora a liberdade religiosa seja garantida pela Constituição, na prática a liberdade religiosa está agravando-se. Proibição efetiva do proselitismo. O grupo Estado Islâmico expandiu o seu território. Ataques regulares a cristãos, incluindo violações e trabalhos forçados. Aumento das mortes de minorias religiosas.
Maldivas			Estatal, Não estatal	Nacionalidade reservada apenas aos muçulmanos. Educação necessária para “incutir obediência ao Islamismo”. Difusão religiosa não muçulmana proibida. Impossível converter-se a outra religião que não seja o Islamismo. Inexistência de locais de culto cristãos, proibição de importação de Bíblias. Ataques a pessoas acusadas de promoverem o “ateísmo”.
Mauritânia			Estatal, Não estatal	Nacionalidade reservada apenas a muçulmanos. Renúncia ao Islã implica pena de morte. Governo introduziu pena de morte obrigatória por blasfêmia e apostasia. Wahabismo propagando-se e governo central frágil deixam as pessoas sem perspectivas, esperando aderir aos grupos wahabistas.
Mianmar			Estatal	688.000 rohingyas fugiram para o Bangladesh para escapar da violência do exército. De ago a nov 2017, 354 aldeias rohingya incendiadas pelos militares. Governo proíbe monges budistas não autorizados. Pelo menos 21 aldeias descritas como “zonas sem muçulmanos”. 66 igrejas destruídas desde 2011.
Níger			Não estatal	Organizações islâmicas ganhando cada vez mais terreno. Muitos centros wahabistas emergiram. Grupos extremistas desestabilizam o país e tornam a vida difícil para as minorias religiosas. Boko Haram tomou a cidade de Bosso. Dificuldades econômicas forçam pessoas (jovens) a aderirem aos grupos extremistas.
Nigéria			Não estatal	Com o Boko Haram forçado a retroceder, situação dos grupos religiosos minoritários melhorou no nordeste. Contudo, violência de militantes fulani na região do Cinturão Central aterrorizou cristãos. Ataque em abril de 2018 a uma igreja durante a Eucaristia resultou na morte de dois sacerdotes e 17 paroquianos.
Paquistão			Estatal, Não estatal	Em 2018, o presidente da Conferência Episcopal Católica descreveu “um aumento alarmante da ... intolerância e do extremismo violento”. Governo luta por conter grupos extremistas que atacam grupos minoritários. Em 2017, as leis antiblasfêmia foram ampliadas para abranger as novas mídias. Aumento das minorias que querem deixar o país.
Palestina			Não estatal	Em 2018, fontes da Igreja local afirmaram que os cristãos em Gaza diminuíram 75%, de 4.500 para 1.000 em seis anos. Cristãos de Gaza enfrentam novos desafios de militantes do grupo Estado Islâmico que entraram na Faixa de Gaza.
Quênia			Não estatal	Mudança de categoria. No relatório de 2016, o Quênia estava na categoria de ‘Perseguição’. Declínio acentuado nos ataques pelo Al-Shabaab por causa da repressão de segurança do governo. País saiu da categoria de perseguição.
Quirguistão			Estatal	Mudança de categoria. No relatório de 2016, o Quirguistão foi colocado na categoria ‘Não classificada’. Ambiente político cada vez mais autoritário tornou a vida mais difícil para os grupos religiosos. Novas leis propostas destinadas a reprimir o registro de novos grupos religiosos e a aumentar a censura de literatura religiosa.

País	Categoria	Comparação com o relatório de junho/2016	Principal Infrator	Principal Infrator
Rússia			Estatal	Mudança de categoria. No relatório de 2016, a Rússia foi colocada na categoria 'Não classificada'. A lei Yarovaya de 2016 aumentou restrições a grupos religiosos não autorizados, proibindo a pregação e a divulgação de materiais. Buscas, multas e detenções. Igrejas Greco-católicas na Crimeia forçadas a sair. Abril de 2017: sede das Testemunhas de Jeová e todos os seus 395 centros locais proibidos.
Síria			Estatal, Não estatal	Grupos hiperextremistas responsáveis por atacar grupos religiosos perderam a maior parte do seu território. Abusos dos direitos humanos em áreas dominadas pelo governo e áreas rebeldes. Piores violações da liberdade religiosa ocorreram nas áreas dominadas pelos rebeldes. Em maio de 2017, o grupo Estado Islâmico matou 52 pessoas em aldeias ismaelitas.
Somália			Não estatal	Violações à liberdade religiosa em áreas onde o Al-Shabaab ganhou terreno. Pessoas apedrejadas até à morte. Dezembro de 2017: vídeo apela para que extremistas "persigam infiéis e persigam igrejas". Aumento dos ataques por grupos extremistas. Outubro de 2017: ataque em Mogadíscio, quase 600 mortos.
Sudão			Estatal	Aumento das penas por blasfêmia. Continuação da discriminação e opressão de grupos religiosos, sobretudo membros de igrejas nos montes Nuba. Governo anunciou planos para demolir 25 igrejas.
Tajiquistão			Estatal	Lei do extremismo usada pelo governo para justificar opressão do Islamismo não autorizado. Mais de 8.000 mulheres muçulmanas impedidas de usar o véu. Em 2016, foram proibidos os partidos políticos religiosos. Repressão de todas as formas de dissidência aumentou, enfraquecendo drasticamente a liberdade de expressão.
Tanzânia			Não estatal	Mudança de categoria. No relatório de 2016, a Tanzânia estava na categoria de 'Perseguição'. Declínio na atividade de grupos islâmicos militantes, não tendo ocorrido incidentes graves no período em análise. Outros incidentes, incluindo ações judiciais contra pastores pentecostais, parecem ter tido motivos políticos. Perspectivas da liberdade religiosa melhoraram.
Turcomenistão			Estatal	Lei da religião de 2016 apertou restrições a grupos religiosos que procuram reconhecimento estatal. A lei permite que os grupos registrados abram escolas de formação para o clero. Frequentes buscas a igrejas, com ameaças, espancamentos, multas, detenções e confiscos. Muitas igrejas e mesquitas demolidas nos últimos anos.
Turquia			Estatal	Islamismo de linha dura, intolerante para com grupos não muçulmanos, crescendo em influência social. Governo turco recusa-se a reconhecer novo Arcebispo Apostólico Armênio. Aumentou o discurso de ódio contra grupos protestantes no Natal de 2016-17. Turquia caminhando para o autoritarismo, o que não prevê boas perspectivas para a liberdade religiosa.
Ucrânia			Estatal, Não estatal	Separatistas em Lugansk, Donetsk e Crimeia assediaram grupos cristãos não ortodoxos. Vandalismo de monumentos em memória do Holocausto, sinagogas e cemitérios judaicos. Perseguição de testemunhas de Jeová. Em junho de 2016, as autoridades separatistas adotaram novas leis que proíbem a criação de "seitas". Nova lei em Lugansk proíbe grupos "não tradicionais".
Uzbequistão			Estatal	Abril de 2018: novas penalizações para violações da lei da liberdade religiosa, incluindo penas de oito anos de prisão. Entre setembro de 2016 e julho de 2017, foram realizadas 185 buscas policiais a Testemunhas de Jeová. Polícia torturou 15 fiéis. Presos milhares de muçulmanos que praticam uma religião não autorizada.
Vietnã			Estatal	Graves restrições à evangelização. Disputas de terras entre polícia e organizações religiosas. Março de 2018: agressores espancam 24 hmongs recém-convertidos ao cristianismo. Assédio de organizações religiosas e ataques ao clero e fiéis sugerem que é pouco provável que o governo melhore a abordagem à liberdade religiosa.



Fundada em 1947 pelo Padre Werenfried van Straaten, a ACN (Aid to the Church in Need) é uma Fundação Pontifícia que tem por missão apoiar projetos de cunho pastoral em países onde cristãos sofrem perseguição religiosa, guerras, revoluções ou miséria. Milhões de pessoas são beneficiadas direta e indiretamente todos os anos, através dos mais de 5 mil projetos apoiados pela ACN em mais de 140 países, incluindo o Brasil. Tudo isso graças a centenas de milhares de benfeitores espalhados pelo mundo.

acn.org.br/relatorio-liberdade-religiosa

0800 77 099 27 | ☎ (11) 94665-0917 | acn.org.br | atendimento@acn.org.br